VISÃO DOS TEMPOS

VISÃO DOS TEMPOS

ANTIGUIDADE HOMERICA: A Bacchante — A Nayade — Hospitalidade antiga — O Cyclope. HARPA DE ISRAEL : Stella Matutina — A Estrella dos Magos — Ave Stella — Fim de Sátan. ROSA MYSTICA : Spásimo — Savonarola — Dithyrambo dos mortos. Com um estudo sobre a Generalisação da Historia da Poesia . . . . 1 vol.

TEMPESTADES SONORAS : As Ceas de Nero — Velhice de Homero — Na torrente de Cedron — Semida — A Perola de Ophir — O Masthodonte — A Odalisca — Dôr do Leite — O Rosario — Baptismo de Fogo. Com um estudo sobre as relações do sentimento com as fórmas da arte . . . . 1 vol.

A ONDINA DO LAGO — Tentação no deserto. Com um estudo sobre a Poesia da Historia nos Cyclos cavalheirescos . . . . 1 vol.

TORRENTES : A sombra do Propheta — Infancia de Homero — Arabesco de uma janella gothica — O Bravo de Uiraçaba — Poeta por desgraça — Auto por desaffronta — Vertigem do Infinito. Com uma advertencia sobre as Origens e intenção dos diversos poemas . . 1 vol.

VISÃO DOS TEMPOS

POR

THEOPHILO BRAGA

ANTIGUIDADE HOMERICA — HARPA DE ISRAEL
ROSA MYSTICA

Segunda edição
CORRECTA E AUGMENTADA

LIVRARIA INTERNACIONAL
DE

Ernesto Chardron	Eugenio Chardron
96 — Rua dos Clerigos — 98	4 — Rua de S. Francisco — 4 A
PORTO.	BRAGA.

1869.

Advertencia da Segunda Edição

Por uma casualidade inexplicavel foi impresso este livro em 1864; em menos de quatro mezes ficou exhausta a edição, apparecendo ao mesmo tempo no mercado duas contrafacções brazileiras. A imprensa, ainda desapaixonada e sem emulações vergonhosas, declarou-se francamente, disse bem e censurou com verdade. (Vid. *Juizo da imprensa portugueza e brazileira*, pag. 223 a 241, da segunda edição das FOLHAS VERDES.) O merito principal do trabalho consistia em abrir uma vereda nova para a poesia portugueza; conseguiu-se o fim, que importa a curteza dos que mechem em letras, e a celeuma levantada contra a audacia de vir a publico sem preambulares encomiasticas. O livro appa-

rece outra vez depois de apaziguado o ruído. Das censuras tomou-se a parte leal para emendar o que eram descuidos; consistiu a correcção em simples toques de verso e em grandes augmentos no que respeita a comprehensão dos cyclos historicos. Vão tres novos poemas: *A Estrella dos Magos*, o *Fim de Sátan* e o *Dithyrambo dos Mortos*. Na *Historia da Poesia*, onde se explica a theoria do livro, introduzimos bastantes ampliações, que mais confirmam os primeiros modos de vêr: é um verdadeiro prazer, ao cabo de annos, inventariar as idêas e sentir por ellas ainda o mesmo grau de convicção. Falta n'esta edição o retrato, defeituoso em todos os sentidos, e como tal eliminado com os outros erros.

GENERALISAÇÃO

DA

HISTORIA DA POESIA

Idêa do livro

É na infancia da humanidade que se encontram confundidos em um só os sentimentos do *verdadeiro,* do *bello* e do *justo;* o grande facto, que se revela em uma generalidade imponente na historia de todos os povos, acha-se descoberto no mundo moral pelas modernas especulações metaphysicas. No passado encontra-se a unidade material d'estes sentimentos pelo unico meio de expressão — a linguagem poetica; hoje, determinou-se um principio superior que os unifica na sua essencia — a *vontade.* A *religião,* a *poesia* e o *direito* apparecem em um mesmo acto do espirito: o sacerdote

é legislador e poeta; o dogma e a lei manifestam-se na fórma mysteriosa do *carmen.* As linguas, segundo a grande idêa de Vico, antes de serem faladas foram cantadas; [1] na linguagem antiga a *lyra* significava a *lei.* [2] Assim se alevantam Orpheu e Moysés na penumbra da edade divina, assim a Egreja nas ruinas do velho mundo; conta Suidas, que Dracon puzera em verso as leis dos athenienses; Thaletas prepara por meio de suas odes os lacedemonios para receberem as leis de Lycurgo, e ainda no tempo de Aristoteles se dava ás leis e aos cantos a designação de *nomos,* que elle explicava pela homogeneidade primitiva. No Egypto as leis receberam a fórma poetica ao serem dadas por Isis; [3] os *Puranas,* que encerram a politica, a jurisprudencia e a medicina da India, têm a mesma fórma. Em Roma, como disse Vico, o direito foi um *poema serio;* segundo Jacob Grimm, as leis dos germanos e a sua historia foram transmittidas por meio do canto e com fórma poetica. [4] Os Bispos, no cahos da desmembração social, foram os primeiros magistrados municipaes; elles cantam o verbo novo da confraternidade universal em hymnos de lyrismo puro, como Santo Ambrosio, Gregorio Magno, Sam Damaso, e outros

1 Scienza Nuova, lib. II, coroll., t. I, p. 291.
2 Id., ibid.
3 Balanche, Palingenesia, 1.ª add.
4 Poesie in Recht, § 5.

muitos, cujos cantos tornaram faladas as linguas modernas. [5] Até aqui o *periodo anonymo* e inconsciente da Arte, sem regra, profundamente creador, producto de faculdades primitivas que se obliteraram no homem. Toca-se aqui a impressão immediata da natureza; as idêas são filhas de uma inspiração e intuição espontanea. [6]

A segunda phase da Arte, da qual pertence propriamente o estudo á critica litteraria, é o *periodo academico,* em que a audacia do genio está substituida por faculdades de reflexão e de imitação; Aristoteles e Horacio codificam as regras da perfeição plastica; a expressão do bello torna-se uma cousa exterior; a natureza vê-se através do que está feito; estabelecem-se os modêlos classicos, e o imperio das fórmas conhecidas, que luctou arca por arca, impediu a manifestação franca do genio e das linguas creadas na edade media, para implantar a rhetorica. A Arte, que fôra o mais vasto e profundo monumento da intelligencia humana, ficou assim reduzida a uma habil curiosidade, a canones e processos technicos, cujas innumeras particularidades excluiam a seriedade e a novidade das idêas. D'aqui data a falta de respeito pela poesia.

O mundo moderno sente-se possuido de uma facul-

5 Sobre estes factos, vêr Chassan, Symbolique du Droit, p. xi a xv.

6 O estudo d'este *periodo anonymo* acha-se nos 5 volumes do Cancioneiro e Romanceiro Geral Portuguez.

dade nova, o genio da critica e da abstracção; elle tem feito investigações em todos os sentidos; o homem começou por estudar a sua natureza, e creou a physiologia, a anatomia e a metaphysica; observou todos os phenomenos naturaes e deu existencia á chimica, á physica, á geologia; interrogou o passado e teve de deduzir a verdade de baixo da grande efflorescencia de legendas e mythos que offuscavam os factos que procurava; estudou a formação dos dogmas e das linguas, as migrações dos sêres sobre a face do universo, e chegou quasi que a estabelecer a *negação* como o criterio supremo para chegar á verdade. A consciencia humana, no meio de seu trabalho, sente-se esterilisada pela analyse, desfez tudo, decompoz o que estava inteiro; chegou a tocar a lei da vida, mas ficou-lhe em pedaços o sêr que escalpellisara; d'aqui o desgosto da alma moderna. As grandes tradições da Arte perderamse; calaram-se as epopêas seculares, desappareceu a architectura, já não ha pintura, a musica está no seu ultimo occaso. D'onde virão novos elementos de creação para alentar a actividade do espirito? A natureza é santa: ella por si está ensinando a direcção nova. Desde Goëthe a poesia vae occupando a parte synthetica de reconstrucção, sobre o immenso trabalho analytico de todas as sciencias; é a poesia que nos póde fazer sentir viva a historia retalhada pelos analystas, que nos póde fazer communicar com a natureza acanhada no laboratorio, que nos póde dar a fórma com-

municativa e universal das verdades e conclusões mais abstractas. A alliança da poesia com a philosophia, tal é o ponto de partida da ultima phase da Arte, encetada pelo seculo XIX — o *periodo metaphysico.* O livro da *Visão dos Tempos* é um passo dado n'esta via: é uma recomposição animada e sentida dos argumentos frios e geometricos, a que chegaram os modernos iniciadores da sciencia da historia; [7] é uma palingenesia, a reproducção do ideal que a humanidade tem formado pelo sentimento da natureza.

A voluptuosidade na poesia antiga é a verdade; é o retrato da natureza virgem a mostrar-se núa em sua candura. A arte, por assim dizer, criança, balbuciando apenas, não sabia abstrahir; canta o que vê e admira, o palpavel, o real. A lyra attica exalta a fórma graciosa que enleva os sentidos, o corpo ostentando todos os contornos em sua nitidez, a curva, a linha da perfeição, a realçar com vida, a mostrar-se á luz como a flor entreaberta para receber o orvalho no verticello mais pudico. Na Grecia a belleza do corpo é o caracter principal do heroe; [8] as vestes caem do humero eburneo, como uma catadupa de linho alvissimo de Iónia, fluctuando em ondas até ao chão, sem esconderem as fórmas varonís, o relêvo muscular, os seios de neve.

7 As Tempestades Sonoras, a Ondina do Lago, e as Torrentes desenvolvem esta mesma idêa. Víd. os prologos d'estes livros.

8 Tyrt. frag. ult. sub fin.

As mães gregas descobriram a callipédia, o segredo para darem á luz os filhos mais bellos e gentis. Os poetas nasciam pelas margens dos rios, ao murmurio saudoso da lympha a confidenciar com as ramas do salgueiro ; Homero nasce ao estrepito ruidoso das festas junto ao rio Melés. Sparta, a severa, proscrevia os filhos feios á nascença. A mulher dá origem á plastica, anima a estatuaria ; o marmore de Paros começa a palpitar com vida debaixo do escôpro ; faltava roubar o fogo celeste para animar a creação do artista ; a Galathêa acorda ao beijo mais voluptuoso de Pygmalião. A sensualidade caracterisa a poesia grega ; o ideal é o *visivel* EIDOS. [9]

Quando a humanidade se elevava na sua marcha ascendente e indifinivel para Deos, partindo desde o naturalismo até ao sorriso extremo e esperançoso de Socrates, — a Judea, esse recanto exiguo da Asia, conservava a ideia da divindade na sua individualidade abstracta, na unidade absoluta de Jehovah. Em quanto na Grecia o poeta idealisa as fórmas até realisar a estatua, o alahude hebreu, transportado na inspiração augusta, faz descer sobre a fronte do homem o resplendor da graça divina. O ideal do homem é a palavra sublime de Jehovah, quando, nos dias da creação, para formal-o á sua imagem disse — *faciamus*. [10] A poe-

9 Michelet, Orig. Intr.

10 Sobre esta voz Bossuet faz profundas considerações.

sia hebraica é o esforço insuperavel do espirito para limitar e determinar na fórma o absoluto, remoto e incoercivel; esforço representado n'aquella lucta desegual e escura de Israel com o Anjo do Senhor; determinou-o pela symbolo, como todas as poesias do Oriente. No seu terror e sublimidade prophetica, a poesia hebraica canta o *invisivel.* [11]

O christianismo realisou a synthese d'estas duas poesias; como uma continuação da poesia biblica, por ella determinou o ideal messianico. Fez o Verbo carne. Na Egreja o psalmo harmonisa-se, completa-se com o lyrismo dos sentimentos que a religião nova despertára n'alma. [12] A ideia atterradora de que o homem na terra não póde attingir o bem supremo, a perfeição a que foi destinado, pela actividade só de suas faculdades, originou o mysticismo. O seu apparecimento começou na epoca da maior desmoralisação social, n'uma decadencia corroída por todos os vicios execrandos, todas as violencias e attentados contra a dignidade do homem. A acção do christianismo devia ser energica. O espirito, abysmado no pélago da prevaricação, desconhece-se, imagina em si o principio do mal, julga a carne sua inimiga, combate-a, lucta com as sensações, com o mundo, com a ideia, até abnegar da intelligencia; despresa a personalidade, abandona a vontade, a

11 Michelet, Orig. Intr. — Lawth, etc.
12 S. Paulo, Eph. 5, 19; Coloss. 3, 16.

existencia, tudo, e refugia-se no céo. Este despreso fez brotar n'alma o sentimento que a levava até Deos. Unida ao corpo, do mesmo modo que o parricida na legislação do mundo romano era envolvido n'um sacco com uma serpente e arrojado ao mar, assim a pobre alma se julgava atirada ao golfão da vida.

No mystico a passividade é o ideal da perfeição. Tanto no livro da *Sabedoria,* como na *Imitação,* a sciencia é reputada inutil, vã como o orgulho do homem. A intelligencia, desenvolvida pelo modo passivo da impressão, é tambem abandonada pela rigidez austera dos ascetas, na maceração e nos flagicios que se infligiam.

A alma voava para Deos núa de todo o sentimento. Levava um unico thezouro — o *amor,* porque elle era a abnegação da individualidade propria, que se ia encontrar em outro. A manifestação do *amor* na poesia antiga não é tão profunda como a que o christianismo fez á arte moderna [13]. Era n'este abandono de si que a alma sentia o infinito do amor, a plenitude do seu sêr. Por isso é que o christianismo revestiu a sepultura com todas as suas gallas risonhas, e a ornou de flores, como uma *Theoria* sagrada das religiões antigas, e lhe entoou seus hymnos:

13 Hegel, Esthet.

Nos tecta fovebimus ossa,
Titulumque et frigida saxa,
Violis et fronde frequente
Liquido spárgemus odore. 14

Era a sepultura que enviava os anjos para o céo. [15] Esta transhumanação, a carne a fazer-se Verbo, este como abraço do *finito* e do *infinito* pela mystica unitiva, o Homem-Deos, eis o caracter da poesia do christianismo. Ella canta a união do *visivel* com o sentimento, da fórma com o *ideal.* [16]

I. — A poesia estuda-se como todos os factos do espirito. E' na religião que ella se sente, na natureza que ella se lê, é pelo sentimento que se traduz. O systhema religioso de Homero é o antropomorphismo; esta creação das divindades com a fórma, com as paixões do homem, é a passagem do naturalismo, ou a apotheose das forças physicas da natureza, para a religião da metaphysica. E que altar mais risonho do que a

14 Prudenc. Hymn.

15 Victor Hugo.

16 Lamennais : Esq. d'une Phil., t. III, p. 130.—A VISÃO DOS TEMPOS realisa esta tricotomia mais caracteristica da poesia da humanidade :

1.º A poesia grega ou a fórma, o objectivo, o visivel. Tentamol-o na BACCHANTE.

2.º Poesia hebraica ou a adoração do absoluto, o invisivel. Eis a HARPA DE ISRAEL.

3.º A poesia do christianismo ou a transubstanciação, à passagem do visivel para o invisivel, do real para o ideal subjectivo — a ROSA MYSTICA.

Grecia, paiz onde a harmonia se reflectia em tudo, em cujo seio parece haver caído uma gôta do leite de Amalthêa, do leite que alimentava os deoses.

A contemplação da natureza tinha a fórma de culto na infancia dos povos; cada elemento tem seu nume, o mar nereydes e tritões, a arvore uma dryade, a floresta satyros e faunos, e os rios, que ouviam os vagidos dos poetas, como o Achelous, o Cayastro, o Ilysso, tinham a nayade timida que apparecia e se mirava no crystal á hora mais voluptuosa da sésta, espreitando os seios do que dormia descuidado na relva do prado, ao murmurio do canavial flexivel. *Summa flavum caput extulit unda.* A Grecia era uma deosa a banharse na onda egêa, cercada pelas Cycladas como um côro de nymphas engraçadas; o braço do oceano sobre que ella se reclina devia attraíl-a, arrebatal-a, como o touro de Europa. O rapto da filha de Cadmo, a aventura maritima de Jason são o symbolo d'essa seducção. O bello mostrava-se-lhe na fórma; por toda a parte a belleza tinha altares; por isso Phryne foi absolvida pelos seus juizes. Em Sparta, em Lesbos, em muitas cidades da Grecia havia concursos em que as mulheres disputavam o premio da belleza. Em Élida, Cypselus estabelece tambem premios para a belleza varonil. Para certos mysterios religiosos era ella indispensavel, era uma condição essencial para a felicidade, como julgava Simonides.

João Paulo Richter, o grande vidente da arte, acha

na Grecia uma mocidade eterna; o clima da Grecia entretinha um equilibrio constante na vida, que é o que produz a serenidade e a harmonia; a Grecia está collocada entre a exuberancia e fertilidade do Oriente, e a aspereza dos steppes do Norte, entre nuvens eternas e um céo vasio, como diz João Paulo; o clima ensinava por si proprio a Diogenes o descuido da sua philosophia; o paiz é cortado de montanhas, que favorecem a força e fazem prosperar a liberdade. O amor do *bello,* no meio das dissenções politicas dos pequenos estados, formava por assim dizer a essencia da mocidade do genio grego; davam-se treguas nas batalhas para celebrar os funeraes dos poetas; as guerras tinham o effeito de grandes paradas; o que nascia perfeito cultivava a sua belleza nos jogos e palestras de força, porque havia de ser adorado nos templos; as divindades não se applacavam com penitencias, mas com festas; Hercules ao sentir as forças animarem-lhe as fórmas robustas, sente que se vae tornando um deos. [17] A arte grega funda-se toda na objectividade. Goëthe, para compôr a *Iphigenia,* copiou em Roma pela sua mão os mais bellos marmores antigos; Ottfried Müller, Hegel e Schlegel dão como criterio para a comprehensão da tragedia grega o estudo da esculptura. Quando o genio comico se manifestou, teve tambem

17 Estas observações pertencem á intuição extraordinaria de João Paulo, Poetica, t. I, § 17.

uma fórma exterior, o contraste do feio, e não a *ironia* abstracta [18] dos povos modernos. Aquelles que queriam dominar o povo deslumbravam-lhe os sentidos com pompa e espectaculos; Pericles, levanta o Odeon e o Parthenon para tornar-se popular; Zeuxis e Phidias faziam pela estatuaria e pela pintura o mesmo que a imprensa dirigindo modernamente as opiniões. A religião não se propagava na fórma abstracta do dogma, mas na reproducção da belleza completa como primeiro attributo da divindade; Venus era a perfeição da fórma feminina; Apollo, a perfeição do corpo humano; Jupiter, a magestade serena e grande, o caracter da omnipotencia reflectindo-se na presença exterior.

A mulher é como a filha dilecta da natureza: ambas dão oraculos, uma nas palavras soltas de seu delirio, a outra no murmurio das folhas do loureiro ao perpassar a viração do estio, [19] no remurmurejar soturno dos robles seculares da floresta do Dódona. Os sacerdotes traduzem as respostas em disticos, e d'essa poesia formam os livros sybilinos.

O *amor,* na Grecia antiga, não é esta effusão mutua de duas almas, que se preferem com absoluta exclusão de tudo; o *amor* da edade heroica é uma fraqueza, uma doença, um mal que ataca as criaturas debeis, e a que se não póde resistir; as mulheres são as primeiras

18 Folhas Verdes, p. 197: — Sobre o genero heroi-comico.
19 Calimach., hymn. in Del. Serv. ad Virg. Æneid. IV, 143.

que sentem essa emoção contagiosa, são ellas as que se lançam para os heroes, não conhecem o recato, o pudor no impulso da sua doença. Ás vezes a sua vertigem fal-as apaixonar pela natureza inteira, pelo orvalho, por um touro manso! Pasiphæ, Sapho, Biblis, Myrra, Phedra, Medêa, as bacchantes, são ellas que se sentem possuidas d'esse sentimento eterno e violam a natureza e se despedaçam na mysteriosa alliança do amor e morte! O *amor* é como a chlamyde de Dejanira, que incendeia e devora o corpo de quem a veste; foi o *amor* que venceu a validez de Hercules, e a chamma que ao abrazal-o lhe fez sentir que se ia tornando um deos. [20] Na poesia oriental da edade heroica apparece tambem o amor como uma fatalidade; é a mulher de Putiphar que vae ao encontro de Joseph; Thehminé vae ter ao leito de Rustem; Rudabeh diz que: « está ebria de amor, como o mar que borrifa com as vagas as estrellas. » Na edade heroica do mundo moderno, a edade media, encontra-se ainda uma comprehensão vaga d'este sentimento, na paixão que os troveiros dão ás sultanas pelos cavalleiros christãos, como *Floripar* no *Ferabras,* e *Luziana* no *Ariol de Sam Gilles.* [21]

O terror dos oraculos, o fado inevitavel, a herança

20 Tal foi o pensamento que procuramos fazer sentir descrevendo o amor de Clytia e de Naïs.

21 Ampère, Le Schah-Nameh.

*

do crime n'uma raça, o mysterio da iniciação, a hospitalidade heroica, eis a manifestação mais pura da poesia grega. Assim pela Arte era a verdade e a divindade revelada ao povo. [22]

O estrangeiro era mais do que um amigo, muitas vezes um deos occulto em fórma humana, que vinha observar os costumes e maldades dos mortaes [23], que trazia a felicidade ao tecto onde encontrava agasalho. A hospitalidade começa na edade heroica, no cyclo dos semideoses, depois de derrubados Procusto, Sciron, Caco; a edade heroica é a aventura, a expedição, o movimento. O desejo de tudo saber e explicar apossara-se da alma; a curiosidade de conhecer os costumes de longes terras abre um asylo ao peregrino para ouvirem-no; primeiro o sentavam no logar mais distincto, á meza, antes que lhe perguntassem a patria, o nome, e o que o trazia. E' assim que Mentor recebe Telemaco, [24] e assim Telemaco recebe Minerva, quando sob apparencia humana entra os umbraes do palacio, [25] assim Nestor recolhe o filho de Penelope [26] e Eumeu o vagabundo Ulysses. [27] Não se interrogava o hospede por dez dias, nem para que vinha, nem que extranho

22 Hegel, Esth., t. I.
23 Ovid. Met. v. 213: Et Deus humana lustro sub imagine terras.
24 Odyss. IV, v. 60.
25 Idem I, v. 170.
26 Idem III, v. 69.
27 Idem XIV, v. 45.

caso o trazia. [28] Menelau assim recebe Páris; Bellorophonte não mostra por dez dias o symbolo fatidico que Prœtus enviára a Lycias.

Homero é o cantor da hospitalidade; a *Odyssêa* é o poema da sua velhice. Cansado de tantos errores, cégo, indefeso, o que não diria o aédo divino de Smyrna ao que o abrigava em seu lar? Pagava o agasalho a troco da immortalidade de seus cantos. [29] A Mentor que o recebe na ilha de Ithaca dá-lhe um caracter sublime, a prudencia, a sabedoria; fal-o um nume. Discipulo de Phemius, associa o nome do mestre á immortalidade da sua obra. Na *Iliada* prova o seu reconhecimento a Tychius; a Mentès fal-o rei da ilha de Taphos. Eram tambem tremendos os castigos para quem quebrava as leis sagradas da hospitalidade. Minerva, Venus, Apollo, Castor e Polux, e Zeus eram os vingadores da sua integridade. Ulysses fala d'essa vingança terrivel dos deoses a Poliphemo [30] e a Eumeu, [31] que é a personificação do pastor Glauco, o que recolhera o poeta em seu lar, quando cego e miseravel o abandonaram sobre as ribas da pampinosa Chio. São terriveis as palavras de Ulysses a Antinous [32] que não soube respeitar a hos-

28 Eustath in Iliad. VI, v. 174, p. 491.

29 Este pensamento não exclue da communhão da ideia do caracter mythico de Homero, personificação do PERIODO ANONYMO.

30 Odyss. IX, v. 269.

31 Idem XIV, v. 55.

32 Idem XVII, .. 489.

pitalidade ; pelo mesmo crime Lycaon é transformado em lobo. [33]

Aonde se estuda a poesia grega na sua evolução mais completa, é nas *edades heroicas.* A edade divina ou de *ouro,* com toda a simplicidade patriarchal e idylica, com a ingenuidade da infancia da religião, dos costumes, da sociedade, com todos os terrores da contemplação dos phenomenos estupendos da natureza, sob a pressão do *inevitabile fatum,* não offerece á poesia mais do que um quadro sem variedade, um fundo monotono. Pelo contrario a *edade heroïca,* tempos d'uma lucta incessante do homem com o mundo physico, cyclo de semideoses, quadra de transformações, abertura do genesis do progresso, ostenta á imaginação combates de sentimentos novos, um desejo de saber e penetrar, uma aspiração contínua. As *edades heroicas,* como diz Hegel, não são caracterisadas por este quietismo de alegrias intellectuaes e pobreza de interesses, como no mundo idylico; o homem é creador; fins mais altos, paixões irrepressiveis são o movel da sua actividade, manifestada tambem sobre os objectos que o tocam e que elle transforma e apropría para a satisfação de suas necessidades.

A mais elevada expressão da arte antiga era o pathetico. Nos poetas gregos a descripção de um naufra-

33 Ovid. Met. lib. I, est. III. Sobre este ponto consultar o trabalho de Pother., Archeol. Grec.

gio, a revelação tremenda do oraculo, a fatalidade que persegue Œdipo, a herança do crime, como na familia de Agamemnon, onde Iphigenia em Taurida expia as desgraças de sua casa, descobrem-nos todos os cambiantes do sentimento. Quando o idylio fluctua na lyra attica, baixam á terra os deoses a segredarem amores, a hospitalidade é um culto, o lar o templo da concordia, Nestor vem remoçar-se ao sol da tarde no umbral de sua choça. O poemeto de André Chénier *L'Aveugle* está perfumado d'este genio antigo. Como uma abelha, que volita pelas flores da campina, tirando-lhes dos nectarios com que formar o panal delicioso, Chénier recolhe a graça de seus idylios nos delirios de Sapho, nas contemplações de Platão, sonhadas ao murmurio amoroso e plangente do mar de Myrto, na melancholia de Virgilio. E' a chrysalida deixando vêr o mysterioso labor, como no epitaphio de Clytia, quando o poeta recommenda á sua lyra *quelque chose de tendre et d'antique*. Este poeta byzantino para restaurar a arte grega, deturpada pela aridez das academias dos seculos XVII e XVIII, foi pagão toda a sua vida; o pantheismo levou-o a idealisar a fórma. Assim comprehendeu a face mais caracteristica da poesia grega.

II. — O ideal da divindade faz-nos sentir toda a poesia hebraica. A gloria de Jehovah, a sabedoria eterna, a perfeição infinita, increada, a potencia que fala e

tudo se faz, manda e tudo se cria, [34] que está no céo, no inferno, nos mares; eis o que torna esta poesia o culto do *invisivel.* Os poetas hebreus, retratando a divindade na sua unidade abstracta, na altivez genetica, deviam de luctar com a difficuldade de determinar na fórma o absoluto; a poesia do christianismo realisou a passagem, pelo sentimento; elles porém tiveram a força da infancia, a força do symbolo para fazer comprehender o infinito pelo finito, o tempo pela progressão das gerações; é assim em toda a poesia do Oriente, assim na poesia do cyclo anonymo da humanidade. O symbolo foi a primeira manifestação da intelligencia do homem; é uma antithese mysteriosa, que só o homem, como symbolo em si, póde realisar. A união da alma com o corpo despertou a ideia, instinctiva, fatalmente. O Oriente é o berço do symbolismo, tanto em religião como em poesia.

Na Judéa a poesia é o livro da religião, e como ella é tambem sublime. O monotheismo extrema-a de todas as outras raças; por isso a Judêa amaldiçôa os povos que a cercam. Como o paiz é coberto de montanhas, cortado de grandes rios, as florestas vestidas de uma vegetação triste, como a oliveira, os sycomoros, os cedros, as palmeiras, assim a poesia é como o ecco lugubre d'esta natureza austera, é a voz de maldição, o grito dos prophetas do deserto. Quando ella é elegiaca

34 David, Psalm.

a dôr do cativeiro a inspira, a magoa de vêr a Arca santa tocada por mãos profanas, e as corôas de lirios das virgens de Israel emmurchecidas. Os prophetas sáem do deserto, como a sombra de Elias, terriveis pelo medo que infundem, a annunciar a ruina e a desolação na face dos reis. Elles mesmos se amaldiçoam a si: «os filhos de Israel estarão longos dias sem rei e sem principe, sem sacrificio e sem altar.» [35] Nas sombras d'esta poesia horrivel e austera, no odio ás raças extranhas que contaminam de seus vicios o povo escolhido, no presagio aziago de ruinas futuras, na contemplação da unidade absoluta de Jehovah caracterisada no audacioso *fiat,* ha uma suavidade dada pela esperança: é o ideal *messianico,* o ancear continuo pela vinda do justo que deve baixar do céo como um orvalho, brotar da terra como uma semente, do que hade trazer a justiça.

A Judêa é, como diz Renan, uma terra de prophetas e de sacerdótes. Em nenhuma parte se vê melhor retratado na poesia o ideal formado da natureza; como *semita,* o judeu detesta as grandes ficções, compraz-se no dogma abstracto, não se apaixona pelo proselytismo; julgando-se um povo privilegiado no meio do universo, tem a segurança da sua eleição superior, não se cança a espalhar a doutrina communicada directamente pela divindade. A natureza que o rodeia é aspera e selvagem; assim é tambem a sua alma, cuja voz

35 Oseas.

é um anathema sobre os outros povos. Entre a Palestina do Norte e a Palestina do Sul dá-se uma scisão profunda, emquanto ao genio religioso e poetico, por effeito do aspecto da natureza ; a terra do Lybano é agrícola, cheia de bellezas, fertil, revestida de arvoredos, de pastagens, campinas e aguas correntes ; aí a poesia é semita mas com o caracter de exaltação vehemente da Persia ; o canto de Débora á sombra das palmeiras, o apologo de Jothan, a historia de Jephté, de Gedeão e de Sansão, as prophecias de Oseas, as tradições populares de um espirito independente e revolucionario associados ao nome de Elias e de Elyseu, e sobre tudo esse poema do amor e do dever, em que a humanidade simples e boa chegou a vencer a severidade canonica o — *Cantico dos Canticos*, pertencem propriamente aos logares poeticos da Palestina do norte, Saron e Galaad, Lybano, Hermon, Sulem e Carmelo. [36] Pelo contrario a Palestina do sul é pedregosa e areênta, desconhece o idylio do campo ; aí o dogma mostra-se em reacção contra a vida, e a realidade lucta com um exagerado espiritualismo religioso ; em quanto o sul dá mais rigor ás suas instituições, o norte alenta por meio dos seus cantos populares o velho espirito republicano. O hebreu de Jerusalem classico e puro, tornou-se con-

36 Reville, Revue de Theologie, de M. Colani, 1857, maio ; p. 278 e 279 ; Renan, Le Cantique des Cantiques, p. 173.

ciso, breve e enigmatico, [37] e não se prestava para os usos vulgares da vida, e muito menos para a poesia, que é a constante aspiração d'ella; assim os typos que a imaginação judaica do sul descreve são debeis, sem vigor, victimas da fé de que estão embuidos, como Judith e Herodes, não tem a altivez e independencia das creações do norte, mais *semitas* do que judaicas. Aonde houver o sentimento da realidade e da vida aí apparece o drama; na Grecia o cidadão vivia ao ar livre nas grandes discussões politicas do ágora; o drama na Grecia chega a mais alta perfeição. Na India a instituição da familia é o facto mais extenso da vida; aí o drama é filho de uma creação original, e não imitado, como se tem julgado até hoje. No drama a acção é sempre exterior, limitada pelo tempo e pelo espaço nas suas terriveis *unidades;* como é que a poesia hebraica, aborrecendo o visivel, poderia materialisar-se até este ponto? Herodes chegou a fundar um theatro na sua capital, e provocou com isso horriveis maldições da alma judaica; ella sente uma absoluta aversão por o que é exterior. «Esta curiosa lacuna nas litteraturas dos povos semitas provém de uma causa geral, da ausencia de uma mythologia complicada, analoga á que possuem os povos indo-europeus. A mythologia, filha do naturalismo primitivo, é a rica fonte d'onde emana toda a epopêa e todo o drama. — O monotheismo, abafando o

37 Renan, Le Cantique des Cantiques, p. 109.

desenvolvimento da mythologia, devia conjunctamente atrophiar nos semitas o theatro e a grande poesia narrativa.» [38] Mesmo nas fórmas da legislação, em que todos os povos são poetas, o judeu é geometra ; a formula suprema de justiça é a pena de talião: *olho por olho; dente por dente.*

Na poesia hebraica ha o luxo de imagens como em toda a poesia do Oriente; mas só apparecem onde a palavra e o pensamento não podem seguir a abstracção. A Judéa, apesar da tristeza do seu aspecto, apresenta paisagens risonhas; ellas não despertam a sensação puramente agradavel; a cada sitio mais querido estava associada uma legenda celeste. O Jordão é celebrado pela passagem dos israelitas guiados por Josué, pelos milagres dos prophetas, pelos prodigios de Jehovah. A paisagem faz meditar e absorver a alma na contemplação. Tudo é pequeno ante a grandeza de Deos, os reinos da terra são um átomo de areia, o universo é uma tenda do deserto plantada agora, logo alevantada.

Jeremias vem destinado do ventre materno para ser propheta, [39] abandona os gosos da vida, [40] ora continuamente, [41] e quando ergue a voz atterradora é sempre o presagio ominoso de uma necrópole immensa. Da-

38 Idem, ib., p. 82.
39 Jerem. 1, 5.
40 Idem, 15, 17, 18.
41 Idem, 7, 16. 11, 14. 14, 11.

niel apparece revelando a Balthazar o juizo tremendo de Jehovah. Nem d'outro modo podia ser a poesia de um povo saído tantas vezes do cativeiro e errando através do deserto. Mesmo na Pastoral de Sulem, elemento humano da poesia hebraica, a inspiração lasciva é o meio de chegar a uma verdade que caracterisa toda a poesia oriental, o enlace mysterioso da morte e da voluptuosidade, sentida n'aquellas palavras vehementes— o teu amor é violento como a morte. [42] A poesia hebraica é aquella imagem da esposa dos cantares, é a pomba escondida na rocha escarpada. Estudada sob o ponto de vista humano, conforme a direcção critica de Herder, apresenta tres edades distinctas, a genesiaca ou *patriarchal*, a edade *prophetica*, e a edade *apocalyptica*.

A hospitalidade biblica tem uma analogia profunda com a hospitalidade homerica. Na Grecia o forasteiro é recebido como um enviado dos deoses, como um deos occulto em fórma humana. O mesmo pensamento predomina entre os hebreus: «Permaneça entre vós a caridade fraternal. E não vos esqueçaes da hospitalidade, porque por esta alguns, sem o saber, hospedaram anjos.» [43] Assim Abrahão recebe os anjos que vêm annunciar-lhe a perpetuidade de sua descendencia; Lot os que vem denunciar-lhe a ruina imminente de Sodo-

42 Cant. dos Cant. c. VIII, 6.
43 S. Paulo.

ma; Tobias o que vem dirigir o filho na peregrinação. A infracção das leis da hospitalidade não era punida menos severamente. Job, poeta do deserto, na sua epopêa da agonia, abysmado na dôr do abandono, indagando os delictos que houvera commettido para ser despenhado em tanta ruina, clama: «O peregrino não ficou fóra, a minha porta esteve aberta para o viandante.» [44] Isaias remontando-se nas azas da inspiração divina, contemplando do alto o futuro que se rasga ante os olhos attonitos com a visão dos seculos, que haviam de surgir do oceano dos tempos para envolver em sua onda o imperio sobre que vaticinava, diz tambem: «Parte o teu pão com o que tem fome, e introduz em tua casa os pobres e os peregrinos.» [45]

Que agonia tambem a da mulher esteril, amaldiçoada por todos, como a figueira infructífera! Nas religiões antigas é a mulher que descobre o principio do mal; é Pandora que traz a urna cheia de desgraças, Eva que come o vedado pômo. O ideal da mulher na poesia hebraica é uma antithese; na quéda é a esperança da rehabilitação, é a Mulher forte que hade levantar-se radiante com a lua a seus pés, vestida de sol, coroada de estrellas, para esmagar a cabeça da serpente. O Vidente de Pathmos viu-a assim no grande dia da humanidade. A mulher trouxera em seu seio

44 Cap. XXXI, 32.
45 Cap. LVIII, 7.

o libertador, gerado na aspiração ardente de liberdade. O nardo da Magdalena foi acceito pelo Senhor; a agua do poço da Samaritana suavisou as fadigas do homem, cansado de proferir o verbo da fraternidade. O annel de ferro, que a esposa recebia nas nupcias do mundo antigo, o christianismo trocou-o pela grinalda de flores de larangeira com que a enfeita diante do altar. O ideal messianico na sua realisação é a poesia do christianismo.

III. — O christianismo veiu acordar na alma sentimentos novos, que nenhuma religião antiga influira. Pertencem-lhe a idéa da immortalidade na sua maior generalisação, o amor universal *caritas,* a resignação, e sobre tudo a esperança. Fortalecida por estas virtudes, a alma sentia-se elevada a uma região superior, necessitava exprimir o seu jubilo; a linguagem foi a poesia mystica, a expressão do goso ineffavel, em que a alma se inebria na contemplação beatifica; é a reminiscencia longiqua d'essas musicas interiores, que se fazem sentir na concentração violenta do extasis. Muitos hymnos da egreja foram assim compostos.

A egreja militante repetia o ecco derradeiro dos cantos dos martyres, que as gargalhadas obscenas e estupidas d'uma plebe desenfreada não podiam abafar nas canibaes do Circo; essas vozes traduziam-se em hymnos de triumpho, que resoavam, nas horas sagradas do Agape, no fundo escuro e lobrego das catacumbas. As

virgens sentiam-se possuidas pelo amor do céo, e cantavam esperando a volta para o Esposo, com mais vehemencia do que a Sulamite do epithalamio biblico. O coração entrevira pelo amor os mysterios sublimes que os Padres e os Doutores da egreja não tinham ainda encendrado nas controversias philosophicas.

A poesia da egreja militante tem a energia, o caracter da poesia de um cyclo heroico; as suas notas são como as rhapsodias divinas d'um periodo genesiaco; as strophes são o grito dos athletas, caíndo em terra, mas saudando a aurora do dia novo. Era a verdade do *Morituri te salutant*. Elaboravam-se os *Evangelhos apocryphos*.

Sam Paulo fala dos hymnos christãos cantados com os psalmos e canticos da velha alliança. O hymno, a fórma mais pura do lyrismo subjectivo, o sentimento em sua plenitude, é a poesia da infancia da humanidade, da edade divina. A apparição do christianismo sobre as ruinas do antigo mundo, assignala uma segunda infancia. A inspiração hymnica expande-se em todas as almas; Sam Bazilio cita um hymno que Antenogenes martyr compoz antes do transito; Sam Diniz fala tambem dos hymnos de Nepos; Clemente d'Alexandria canta assim em louvor de Christo; ella irradia da egreja syriaca, da imaginação exaltada e febril do Oriente. E' de lá que o *Te Deum* eccôa na egreja do Occidente, onde Santo Ambrosio lhe deu a fórma com que o admiramos, a fórma rythmica do

psalmo. O lyrismo é o caracter da poesia christã nos primeiros tres seculos. [46]

A poesia mystica da egreja triumphante, tambem hymnica na sua quasi totalidade, é amorosa e espiritualista, desenvolve-se com a lucta dos gnosticos, com a elevação da philosophia alexandrina; Santo Ephrem, solitario da Syria, combate em seus hymnos Harmonius e Bardesanes. O amor divino, que a inspira, parece uma concepção maviosissima de Platão, sonhada na solidão do Sumnium. A alma que se eleva pela mystica unitiva até absorver-se em Deos, é a passagem da fabula sagrada de Psyche, ideada nos jardins de Academus, do mundo pagão para o seio do christianismo.

A poesia, mais tarde, tornou-se a narração delirante do extasi, como inspirada pela especulação philosophica do néo-platonismo. Expressão a mais completa d'esta poesia são os canticos apaixonados de Sam Francisco de Assis, que, com o irmão Pacifico, outr'ora poeta cesarêo da côrte de Frederico II, cantava pela Italia espalhando o perfume da rosa mystica do amor divino, que o povo aspirava em sua fervorosa anciedade. Faziam com que o povo comprehendesse pelo sentimento aquellas verdades a que não podia remontar-se de certo pela razão. Como os poetas da Persia, d'aquella tribu que se deixava morrer de amor, e que expiravam

46 Werfer, trad. Gosch.—Gerberti, De Cantu et Musica sacra prima Ecclesiæ ætate, t. I.

cantando junto do Kaba, Francisco de Assis abandona o mundo á busca de seus amores, esvae-se cantando na soledade das montanhas da Ombria. Sua alma anda suspensa no goso do céo: *anima plus vivit ubi amat, quam ubi animat.* E' um amor ardente, fogoso, em que elle se sente arder; uma lucta selvagem, braço a braço, em que vence Jesus. E' uma allegoria da imaginação exaltada para figurar esta transhumanação do amor divino sob uma imagem tangivel. Todos os poetas mysticos assim fazem. Hafedh compara-se a um cirio, que se vae consummindo, mas que se embevece na sua luz. Thereza vê tambem um seraphim vir trespassar-lhe o coração com uma seta de fogo.

Victoria Colonna parece tambem haver aspirado o seu platonismo radiante e ethereo n'este perfume da alma do Seraphim de Assis. [47] Até aqui mostrámos o caracter do artista em relação com Deos, ou o amor divino.

Caracter do artista em relação com o mundo: O christianismo, em meio de luctas continuas, tinha adquirido uma rigidez estoica; cada objecto da natureza era uma tentação occulta sob uma apparencia agradavel, como o aspide venenoso no vergel de flores. Tertuliano é o que mais representa esta face, que provocava os combates contra a carne, a ascése dolorosa que ia minando lentamente a existencia. Na poesia do Oriente

47 Tutte le Rime, 2.ª part. Sonnet. xxxv.

a natureza reflecte a imagem d'Aquelle que reconcentra em si a luz, a vida, o amor, tudo; e tudo para os olhos do poeta se eleva e sorri com uma alegria indisivel para completar a palavra que sua alma, na vertigem da contemplação, não sabe proferir. Ha tambem este pantheismo sublime no mysticismo do Meio-Dia.

Os maiores ascetas, como Francisco, o que mais se elevou pelo sentimento depois de Jesus, sentiam-se ebrios de jubilo diante da natureza. O hymno ao irmão Sol, é um fasciculo brilhante do pantheísmo do seu amor. São tão ingenuos os colloquios com os passarinhos que saltitam em volta d'elle para serem abençoados. Na vida dos Padres do deserto vêmos as fèras fraternisarem com os sòlitarios; Antão interroga o Centauro da Thebaida. Assim Santa Rosa de Lima convida n'uma canção as avesinhas para virem ao pôr do sol poisar-se na arvore fronteira á sua janella, e louvarem com ella o creador. A tentação no deserto, a abnegação da vontade, da intelligencia, do *eu* que vôa de si para Deos, eis uma segunda face d'esta relação.

No pantheismo do Oriente a morte é o *Nirvana,* a absorpção immensa da natureza, que liberta o corpo para sempre das transformações infindas da materia. No christianismo á *morte* chamaram os mysticos *natalis dies,* considerando a vida como uma estancia rapida e transitoria; o fim principal da ascése religiosa era o pensar na *morte,* a qual andava ligada á estreita conta

*

das acções praticadas n'este mundo. Foi a Morte o thema unico da arte moderna quando ella era filha da inspiração immediata; a Morte chegou a ser considerada como uma entidade real; era o *esqueleto,* revestido com todos os attributos da gerarchia social, como se encontra nas pinturas de Holbein. A Morte passava, não como o anjo do exterminio com a espada flammejante, mas com o impeto irresistivel de corêa vertiginosa, que arrebata no volteio de uma dansa contagiosa os reis e os pontifices, os sabios, as crianças, os opulentos e os miseraveis. A *Dansa da Morte* é a epopêa negra que encheu de susto a imaginação dos povos da Europa durante a edade media; na Allemanha e na Inglaterra, em França e na Hespanha, o grande dithyrambo das sombras fórma o mais antigo e principal monumento litterario; até Portugal, já no meiado do seculo XVI, chegou a ronda confusa, á qual o genio do nosso povo imprimiu um caracter maritimo, como se vê nas *Barcas* de Gil Vicente, quando a Morte navega para ribas desconhecidas levando a seu bordo os papas e os reis, os fidalgos e os mesteiraes. A morte é a essencia do poema de Dante; coube á Italia o dar uma fórma eterna a essas visões lugubres anteriores á *Divina Comedia;* as pinturas de Orcagna e o *Juizo Final* de Miguel Angelo são a *Dansa* da mente popular através das impressões do genio; representam aos olhos a mesma negridão do *Dies iræ* que assombrou o seculo XIII. Foi Holbein o que melhor soube

representar pela imagem da morte todos os caracteres que distinguiram a vida; para elle o *esqueleto* assim hediondo encerra uma expressão sarcastica de ironia, como este gesto de travessura — *cá te espero!* No quadro em que representa Christo no sepulchro, Holbein, levado pelo enthusiasmo da morte, chega a sacrificar-lhe a divindade do Redemptor, mostrando-o verdadeiramente *cadaver,* livido, incapaz de ressurgir. No pensamento da morte dado pelo christianismo, a poesia, a pintura e as lendas populares auxiliam-se para tirar partido do assumpto esteril e asqueroso; foi preciso que a Renascença viesse retemperar a alma humana de novo nas fontes da natureza, e varrer das imaginações os vapores sinistros que enlutaram a vida.

Quanto a Grecia divinisava o corpo, quanto o christianismo detestava a perfeição plastica, como inimiga da elevação moral. Muitos santos nunca chegaram durante uma longa vida a vêrem o seu corpo, nem a banhal-o; a egreja chegou quasi a negar-lhe a obediencia á gravidade, exigindo como condição para a canonisação o levantar-se ao ár pelo extasis fervoroso. A arte antiga não conheceu o *esqueleto,* ignorou esta fórma funebre e detestavel de que o christianismo se serviu para amedrontar as imaginações na edade media. No *Fausto* hespanhol de Calderon, o Magico prodigioso depois de alcançar por um instante furtivo nos seus braços aquella por quem perdera para sempre a sua alma, ao ir levantar-lhe o véo da sonhada formosura

encontra um *esqueleto!* Nos primeiros seculos da egreja a cruz apresentava-se sem o Christo moribundo; Emeric David explica pela repugnancia que o genio grego sentia em pintar um homem coroado de espinhos, trespassado por uma lança, exhausto pela agonia; Albano sentia viva na alma a tradição artistica antiga quando o pintou na imagem de uma criança descuidada e adormecida sobre a cruz. Nos monumentos antigos, Christo era sempre pintado feio, e a Virgem Maria negra; com o dogma novo a natureza perdera o ideal da perfeição primitiva. Os primeiros christãos rejeitavam tudo quanto era representação visivel da divindade ou de algum mysterio; foram os gnosticos que conservavam a tradição religiosa da Persia e da India, que levaram o dogma espiritual a este concretismo; a primeira guerra contra as imagens, no tempo de Leão Isauriano, foi provocada pelos conselhos de um judeu. [48] A arte christã tomou como um dos seus symbolos mais geraes a *caveira,* para exprimir o triumpho do verbo sobre a morte; a caveira, umas vezes, collocava-se no pedestal da cruz, outras vezes no alto, como corôa do triumpho. O odio do corpo acha-se tambem na penalidade dos povos modernos, que foi influenciada pela penalidade canonica: a *desnudação* e a decalvação eram dos castigos mais aviltantes que se infligiam na edade media; nas primeiras tradições da egreja

48 Alfred Maury, Legendes pieuses, p. 112.

Adão ficára calvo depois do peccado; pela exposição do corpo do culpado julgava a lei canonica que fazia um libello diffamatorio e uma exprobação de miseria. Esta fuga e odio da natureza revela-se pelo encanto da sepultura, que os ascetas iam cavando em vida, como a sua morada interminavel; alguns encerravam-se n'ella antecipadamente, não menos visionarios do que Carlos V assistindo ao seu proprio funeral.

A necessidade e o uso do *milagre* fôra uma condemnação e fuga da natureza; era pelo milagre que a sepultura tinha o poder de transubstanciar o corpo em uma essencia pura e immortal; por isso a sepultura era ornada de rosas; nas catacumbas de Roma abundam os ornatos de pintura e alto relevo com allegorias do Velho e Novo Testamento para ornarem a mansão dos que dormem o eterno somno. Sob esta impressão da natureza as fórmas da arte christã deviam de ser as menos plasticas, as menos palpaveis, como a pintura, a musica, um effeito em vez da realidade, uma abstracção vaga. Quem procurar estes caracteres da poesia do christianismo, tem de pôr de parte as creações do genio indo-europeu, da burguezia que inventou as cathedraes, e dos artistas que proclamaram a imitação do antigo na Renascença, e renovaram, retemperaram a alma nas fontes vivas da natureza. [49]

49 Vid. nos meus ESTUDOS DA EDADE MEDIA o ensaio sobre a Poesia mystica amorosa.

Caracter do artista em relação com a obra: O poeta mystico é todo passividade. Não é a gloria do mundo, nem o fogo das paixões, que o inspira, mas o sentimento do céo, do infinito que o absorve em si; sua alma é como a harpa eólia ferida pela brisa ligeira. Tal é a vida de Sam João de Cupertino, um dos poetas mysticos mais arrebatados da Italia. A Virgem é o ideal de sua inspiração: o nome de sua amante fál-o caír em extasis. Os melhores hymnos de Jacopone di Todi foram escriptos na penumbra angustiada de um *in pace;* lá é que elle comprehendeu a *Mater dolorosa,* o quadro mais verdadeiro e sublime que ha realisado a mente do homem sobre a terra. Quando Ricardo de Sam Victor escrevia o hymno *Salve Mater Salvatoris,* a Virgem apparecia-lhe esplendida de graças; as Onze mil Virgens vinham dictar a Herman de Sam Joseph aquelle hymno celeste de simplicidade:

O vernantes Christi rosæ,
Supra modum speciosæ!
O puellæ,
O agnellæ,
Christi caræ columbellæ, etc.

Como Hesiodo n'um sonho se sentiu embalado pelas musas e acordou poeta, assim parece Cedmon cantando as glorias do céo. Era a reminiscencia de uma voz interior, que ressoava em sua alma, como a vibração d'uma harpa remota. Os anjos, nas legendas

piedosas, ensinaram tambem muitos hymnos da egreja. O *Regina cœli lætare,* ouve-se nos ares, quando Gregorio Magno, pela intercessão da Virgem, applacou uma grande peste.

Influenciada pelo christianismo, a Arte conseguiu determinar o absoluto pelo sentimento; espiritualisou a poesia, elevando-a da apotheose da plastica á contemplação esthetica do bello. Deu vida á estatuaria tirando-lhe a immobilidade olympica, como a Grecia concebera; deu luz á pintura, sua filha predilecta; e para exprimir os sentimentos novos, que a lyra, o pincel e o escôpro não sabiam revelar, idealisou a musica. Foi por certo a musica dos templos que fez nascer o amor de Beatriz, e que tornou a Dyotima de Platão a musa de Petrarcha.

Foi na Egreja do Oriente que começou a formar-se o ideal da Virgem; Santo Ephrem, o mimoso lyrico que em seus hymnos deu uma fórma fixa á lingua syriaca, reveste-a dos mais graciosos epithetos. Chama-lhe: «A preciosa visão do propheta, a consummação evidente de todas as prophecias, a bocca eloquente dos Apostolos, força dos reis, gloria do sacerdocio, aquella por quem são perdoadas as culpas, a que torna propicio o juiz recto, que alevanta os derrubados, que nos vem remir das culpas...» Chama-lhe tambem: «Depois da santissima Trindade a senhora de tudo; depois do Paracleto um outro paracleto, depois do Mediador a medianeira do mundo.» São formosos os hymnos que

a sua alma exhala diante da Virgem: «Só em vós, nossa advogada junto a Deos que nasceu de vós, a raça humana põe toda a sua alegria; ella espera tudo da vossa protecção; só em vós encontra refugio; por vós só espera ser defendida, por que estaes cheia de confiança no Senhor. Eis-me agora vindo a vós com uma alma fervente, porque não tenho a coragem para me aproximar de vosso Filho; e imploro-vos que intercedaes para que obtenha a salvação. Diante de Deos não esqueçaes o servo que põe toda a confiança em vós; não o abandoneis rodeado como está de perigos e sobrecarregado de soffrimentos...» Quando este hymno ressoava na egreja do Oriente, já na Europa entrava em elaboração o Evangelho apocrypho da *Natividade,* formado pela mente rude e intuitiva do povo; tinham de passar mais de oito seculos para que o ideal da Virgem se promulgasse no canon, e viesse abrilhantar a hymnologia da egreja. As lendas tristes de *Griselidis* e de *Cordelia,* apresentam a mulher como um sêr votado para todas as dôres da vida; o aspecto mais sombrio da existencia feudal está retratado n'estas duas estrophes tradicionaes, que se transmittiram não comprehendidas mas inteiras como uma delatação ao futuro. Quando o christianismo começou a sanctificar a mulher, foi a alma popular que lhe formou o hymno do enthuziasmo; foi o genio do Oriente, quer pelos eccos da egreja syriaca, ou pelo culto das raças germanicas, que revelou pelo atavismo este mesmo sentimento indiano.

Santo Ephrem formou um côro de Virgens para cantar os seus hymnos; e os que os ouviam debulhavam-se em lagrimas ouvindo as palavras inspiradas que o monge sentia scismando sósinho na montanha visinha de Edessa, a cidade das bençãos. Elle inventa um metro novo, como os mysticos da Italia, quando tornaram falados os dialectos populares; como Cedmon o bardo saxão, ao ir visitar Sam Basilio acha-se a saber exprimir-se na lingua grega sem a ter aprendido; em criança, como o proprio diacono Ephrem conta em seu Testamento, teve um sonho no qual viu a sua lingua crescer, e elevar-se transformada em uma vinha, para o céo, cobrir-se de folhas e racimos, ramificar-se e attraír tudo em torno d'ella pela abundancia das suas cêpas magnificas, que não diminuiam apesar de uma grande colheita. Era a revelação dos fructos beneficos dos canticos e homilias. No christianismo catholico o genio poetico pertence exclusivamente ao povo rude, que inventou as grandes legendas que o tornaram universal. Sam Jeronymo foi o primeiro que assignalou este facto. O povo seguia nas suas creações o genio ariano, que se revelava na alma da grande raça indo-europêa. Reduzido o christianismo ao que é puramente *canonico*, é uma religião esteril, de uma severidade judaica, incommunicavel, tendendo cada vez para mais strictamente definir-se, até ficar reduzido a seita; elle por si não consolou a alma humana na profunda elaboração da edade media, renovou a tremenda poesia *semitica*

da excommunhão, propagou o terror constante do millenario e fim do mundo, inventou o Diabo e a tentação, alimentou as guerras religiosas e as cruzadas, antepôz a morte á vida, creou a auctoridade e a intolerancia. [50]

Ainda nos primeiros seculos da egreja, quando o christianismo estava na sua pureza dogmatica, a mulher participava da quéda que lhe attribuira a theogonia judaica. Diz Sam Paulo: «Se a mulher recebeu cabellos compridos é para se velar com elles. Não é ao homem que compete cobrir-se com o véo. — Não quero que a mulher ensine, nem que domine sobre o homem, mas sim que permaneça silenciosa.» Que distancia d'aqui á castellã provençal, que decidia nas *Cortes de Amor,* e que produziu a egualdade civil no mundo moderno. Na poesia do Oriente a mulher tinha o ideal da *fraqueza;* na poesia dos povos do Norte a mulher é forte e só pertencerá áquelle que a vencer em tres renhidas palestras; mas a robustez physica, lenta e gradualmente se foi tornando uma qualidade moral — *Frau.* Os *minnesinguer* proclamam a elevação da mulher, levantam-na sobre um throno, corôam-lhe a cabeça de doze estrellas, antes do mysticismo do seculo XIII sentir as inspirações do hymno sublime do *Stabat Mater,*

50 Mais amplamente desenvolvido na minha Historia da Poesia do Christianismo, inedita. 1864.

onde a Virgem conserva ainda a sua feição mais poetica, perdida nos claustros, a *maternidade.* [51] A mulher tornou-se a sybilla do christianismo, com segredos de linguagem celeste, como Thereza de Jesus, Heloisa, a Religiosa portugueza, e Hroswitha, a *rosa branca* de Saxe. Mantua tinha a virgem Ozana; Narni tinha santa Lucia, e Perouse a apaixonada Colomba, que nos extasis do amor divino falavam das delicias que entreviam da terra. [52]

51 Nas Rimas de Vittoria Colona, Parte II, soneto XV, encontra-se o sentimento da maternidade, comprehendido pela sua alma de mulher:

Vergine pura, che da i raggi ardente
Del vero Sol ti godi eterno giorno,
Il cui bel lume in questo vil soggiorno
Tenue i begli occhi tuoi vaghi, e contenti;

Huomo il vedesti, e Dio, quando i lucenti
Spirti facean l'albergo umile adorno,
Di chiari lumi, e timidi d'intorno
Stavano lieti al grande ufficio intenti;

Immortal Dio nascosto un' uman velo
L'adorasti Signor, Figlio'l nutriste,
L'amasti Sposo, ed onorasti Padre.

Prega lui dunque, che i mei giorni triste,
Ritornin lieti, e tu Donna del cielo
Vogli in questo desio mostrarti Madre.

52 Görres, Mystica, t. I, pag. 262.

As tres elevações de Beatriz, *giovenetta, donna, diva,* cantadas com toda a uncção e inspiração mystica da Renascença, mostram a passagem do visivel para o invisivel, que define toda a poesia do christianismo. Na elevação da mulher, que ascende com a apotheose da Virgem, no ideal que reveste a supultura, é evidente a realisação d'essa formula abstracta.

Quando a Egreja christã deixou as trevas soturnas das cryptas subterraneas e das catacumbas, expandiu-se á luz, como uma flôr que cresce para o alto e desabrocha vecejante. Foram assim as creações gigantes das Cathedraes populares, que vestiram a Europa como de uma alva sacerdotal. A Egreja sentiu que esta efflorescencia luxuosa a desnaturava e creou uma ficção subtil — a *Egreja invisivel;* porque essas que se alevantavam á maneira de navio, voltadas para o Oriente, eram inundadas de luz e repletas de cantares, recamadas de ouro e perfumadas como o thalamo de um noivado mystico; e os pobres que as construiam, ferventes e silenciosos, não eram já como o gusano que vae roendo a propria sepultura, mas tinham almas energicas com a audacia de representar na pedra o sentimento do infinito. A Egreja, ao achar-se assim exposta em plena claridade contrahiu-se mais, estreitou-se no seu dogmatismo até abafar-se no Concilio de Trento; o obreiro calado da juranda serviu-se do templo como de assemblêa inviolavel onde primeiro sustentou com argumentos a sua independencia pessoal, fez do sino

um revolucionario que chamava ao apellido que produziu a liberdade da burguezia, e no cançasso do trabalho tornou o lar domestico em sanctuario mais intimo, onde se prepara o dogma da educação da humanidade presentido por Herder.

A arte moderna pende para o pantheismo; nem se concebe uma sem o outro; a uma incompleta comprehensão de Spinosa attribue Goëthe a origem da profundidade e grandeza da sua poesia. As fórmas da Arte passam como as fórmas sociaes, como o caracter geral de uma civilisação; na sociedade grega, havia o predominio da vida politica, e a Arte harmonisa-se-lhe preferindo a fórma plastica, a esculptura; em uma sociedade nova, que considerava a vida como uma transição e a morte como uma verdadeira vida, a Arte recebe uma realisação quasi immaterial, é a pintura, a architectura e a musica cuja derradeira fórma chegou á perfeição ultima, datando da morte de Rossini a sua completa extincção; ainda se escreve musica, porque esta fórma entrou na phase technica e esteril, no seu *periodo academico*. Porém, um novo elemento se offerece para a actividade intellectual do seculo XIX: a alliança da arte e da philosophia. D'aqui virá a poesia do futuro.

Dezembro, 1863—69.

ANTIGUIDADE HOMERICA

A BACCHANTE

CANTO PRIMEIRO

ARGUMENTO

I. A' Grecia — II. O Baixel — III. Ctésios o piloto — IV. A partida — V. Amphìnomo — VI. A aspiração do nauta — VII. Ao luar — VIII. A NAYADE — IX. A' pôpa — X. Canção do marinheiro grego — XI. A ilha de Chio — XII. A cerração.

A BACCHANTE

I

A' Grecia

OH HELLADE! irmã gemea da harmonia,
Lindo sonho do amor, virgineo seio,
Alva concha do mar, deosa engraçada,
Tens por nymphas as Cycladas dispersas,
E' teu docel esplendido um céo puro,
Quando te ergues risonha e deslumbrante
Do azul da vaga iónia!

Oh musa antiga,

São teus soltos cabellos, ondulando,
Sonoras cordas de maviosa lyra;
Tua fala é gemido de harpa eólia,
Tua alma o riso, a infancia, Anacreonte,
O beijo da poesia. És aureo cinto
Que em mimoso tropel confunde as graças!

Oh lirio sobre a lápide nascido
Dos seculos pretéritos! floresce,
Abre o calice ás lagrimas da aurora,
Deixa aspirar-te o matinal effluvio,
Grecia, lirio singelo, immarcessivel.

II

O Baixel

Corria vagarosa a amena tarde;
De ouro e purpura em flocos envolvido,
Lento descia o sol ao extremo occaso,
Similhando, ao afundar no oceano,
O esvaecer do espirito do justo.
A brisa embalsamada doudejava
Na vitrea face das quietas aguas;
Sonoroso murmurio da ressaca,
Gemendo sobre a praia, vinha unir-se
Ao carpir vago da saudosa alcyone!
Poemas de ideal melancholia.

Que bello então ser nauta! A barca lubrica
Fluctuando ligeira, como nayade
Que folga buliçosa á flôr da onda,
De Amphytrite era um mimo! A fórma esbelta,
Da iriada cinta as finas côres,

O garboso esporão, a véla branca,
Faziam crêl-a nympha transformada,
Cymódoce travessa e delirante.

Assim, deosa de Chypre, irmãos de Helena,
Fazei luzir a estrella do seu rumo!

III

Ctésios o piloto

Prôa ao mar, vento em pôpa, o mestre grita:
« Desfralda o panno á viração da tarde! »

Rouca é a voz que asperrima se eleva
Ao noto que assovia nas enxarcias.
É o mando de Ctésios, bom piloto,
Homem de cans alvissimas, intrepido,
Quasi filho do oceano e da rajada!
Profundas rugas na bronzeada fronte
A edade e o pensamento lhe cavaram;

O vêl-o causa uma intima alegria,
E a voz, rude e cansada, no alto pégo
Quão sonora é por noites de tormenta!

Ia caíndo a tarde. A barca leve
Sobre o dorso da vaga, caprichosa
Reclinada, mais célere corria,
Que o namorado toiro arrebatando
A filha de Agenor, Europa, timida
Ao vêr fugir-lhe a praia.
Arfando airosa,
Qual voga o cysne de brilhante alvura
Ao regaço de Leda, ia levada
Nas pandas azas dos macios ventos.

Assim, deosa de Chypre, irmãos de Helena,
Fazei luzir a estrella do seu rumo!

O entendido piloto, o velho Ctésios,
Sentado junto ao leme, os olhos fitos
Nas suspensas cortinas do horisonte,

Mudo, quêdo, impassivel contemplava
O perpassar das nuvens.
Desce a noite;
Veloz e penetrante como a seta
Sibilava a nortada aguda e fria.
Órça ao mar o timão, cassando a escôta
Do infunado velâme; os duros nautas
Cantando ouvem do mestre os rijos brados.

IV

A partida

Amphínomo, com olhos rasos de agua,
Veiu á pôpa assentar-se! Além a terra,
Terra amiga da patria, eil-a a sumir-se
Na fimbria do nevoeiro. Muda lagrima
Deslisa pelas faces do mancebo,
Vendo ao longe os casaes, vendo o seu tecto
Na salitrosa riba alevantados,

Como um rancho de alegres lavandeiras
Na curva enseada a trabalhar cantando.

Era assim a cidade. Um véo distante
Que lhe acenava, a hora e as lembranças
Affligiam-no tanto!
Lentamente
Vão-se entenebrecendo as pardas nuvens,
E descem, como cáe sudario frio
Sobre aquelle que deixa erma saudade.

V

Amphinomo

Typo amavel da Grecia, o lindo moço
Era idylio de encanto, alma de artista:
Era um sonho de Phidias. Doudamente
Amor nos lindos olhos acenava,
Ria n'elles a languida volupia!
Segredava-lhe n'alma a poesia.

Loiros cabellos em anneis dispersos
Sobre os hombros caindo ao abandono,
Baloiçavam revoltos, destacavam
Os nitidos contornos do semblante.
Engraçado rubor esmalta a face,
Dá-lhe a candura divinal assômo,
Em pesaroso amplexo amor, ternura
Realçam-lhe o donaire! A mão de neve,
Os dedos delicados, quanto tenta
Ais de cálido anceio, mil blandicias
Tudo suscita e a candidez combate.
Deixára o lar paterno; ao mar, aos ventos
Levado pela gloria se confia;
O rumo leva á pampinosa Chio,
Esmeralda que vecejante fulge
No puro azul-celeste da onda egêa:
Vae ás festas de Homero, a gloria o chama.

VI

A aspiração do nauta

Cerrou-se alfim a noite. O sôpro frio
Da asperrima rajada passa e varre
A vastidão do mar: cavam-se as ondas,
No cordame esticado os euros silvam!
Como a fera se alegra na espessura
Quando á luta sedenta se apparelha,
Assim Ctésios sorria.
Ao milesiano
Que vae sentado á pôpa, diz o mestre,
Por vêl-o pensativo:
« Enchuga o pranto;
« Que pensas? céo e mar só vês? — Não fala;
« Deixemol-o dormir, talvez em sonhos
« Veja a querida terra. »
Volve o principe

Um suspiro profundo, comprimido
Que, apenas livre, na amplidão se perde.
Torna o velho piloto:
« Eu nunca tive,
« Apesar d'estes annos meus, que esmagam,
« Saudades lá da terra. Aqui respiro,
« Sinto alma a diffundir-se pelo espaço!
« Se os deoses me escutassem, pediria
« As solidões do mar por sepultura.
« Se me ouvissem! que importa errar cem annos
« Sem que entre a fatal barca, se presinto
« Quanto é bello dormir no molle seio
« Da vaga somnolenta, que me embala
« Ao som de sua múrmura harmonia? »

VII

Ao luar

Assim falára. Os rudes marinheiros
Vendo agouro nas trémulas palavras,

A borrasca nocturna aguardam mudos.
Em vez da luz vermelha dos coriscos,
Luz pallida, indecisa se diffunde
Sobre o espelho do mar, luz argentina
Do saudoso luar de estiva noite,
Que faz scismar no amor e no passado.
Amphinomo sorriu-se! em côro os nautas
Levantam mil confusas harmonias,
Do mar ás mais propicias divindades
Libando alegremente. Eis surge a lua.

« Dedilha agora em tua lyra de oiro;
« O céo, a noite, o mar, tudo convida... »
Disse o mestre, abraçando o lindo moço.
Sentado á pôpa, Amphinomo na lyra
Percorre as cordas todas; sons dispersos,
Sons maviosos que tira e que vem d'alma,
Arrebatam, suspendem. Que magía:

VIII

A NAYADE

« Era joven a terra e berço de gigantes,
« Trazia ao peito heroes, dançavam corybantes!
« Um dia ao vir da tarde, em tarde erma e festiva,
« Da molle sesta á hora, e em hora a mais lasciva,
« No ardor da calma o nume errava pelo mato,
« Morto de viva sêde, em busca de um regato.
« Lá vê no fundo val ondeando o arvoredo,
« No vago sussurrar ouve intimo segredo...
« Segredo que uma brisa o diz quando suspira;
« O Satyro o entende e amor egual aspira.
« E corre, corre, como a sombra inquieta e leve
« Da nuvem passageira ou alva como a neve.

« Tentava a grata sombra da arvore da encosta!
« Já languido a procura, a ella se recosta.
« Ali junto serpeia arroio vagaroso;

« A onda crystallina excita-o mais ao goso.
« A alma se lhe inunda em jubilo ineffavel;
« De bruços sobre a lympha o peito insaciavel,
« O deos se refrigera.
« Á sombra do alto freixo
« Inclina-se a final, cançado, com desleixo.
« Deitado sobre a relva, um breve somno o toma,
« Um somno de volupia! Ondeia a solta côma
« Ao vento caprichoso e auras namoradas,
« Que, doidas, de o seguir já vinham fatigadas.
« Aqui doce trinar de umas aves canoras
« Tornam da tarde ao fim mais saudosas as horas.
« Dormia Pan! que deos suspende o canto vario
« Que entoam mil orpheos?
« O bosque é solitario,
« Nem a cigarra canta, e tudo se emmudece,
« Pois como a natureza agora se adormece!
« Mas o silencio augusto escuta a voz de cima,
« E o silencio mesmo o quadro tanto anima.

....

« Eis Nayade gentil que surge á flôr da onda,

« Volve um languido olhar, não vê de quem se esconda;
« Docemente da lympha erguera sem receio
« Após humero ebúrneo alabastrino seio.
« Estende a vista á praia; eis timida descobre
« O Satyro que hirsuto e longo fêlpo cobre.
« Quer logo mergulhar: repara... o deos dormia!
« Ignota sensação lhe dá nova ousadia;
« Em Pan detem a vista, a si depois mirava.

« D'amor um sonho egual o nume atormentava.
« Acorda; surprehende a Nympha, descuidada,
« Nas aguas a mirar a fórma delicada.
« Torvada solta um grito, os olhos tapa, córa!
« Da visão de tal sonho o nume se enamora.

« Ligeira foge; segue-a o deos morto de amores;
« Mais trépida se furta; assim se esquivam flores
« Se um zephyro subtil lhes dá travesso beijo;
« Assim no ar divaga o som d'eólio arpêjo.
« Vão, correm, partem, como á sésta não passára
« Macia viração na trémula ceara.

« Nos braços quasi a toma, é a distancia curta;
« Nos braços presa já, voltivola se furta:
« Escapa-se! correndo o Ládon vê diante...
« A Nympha é mais esquiva, e Pan é mais amante.
« O deos se esforça, e quando o roubo era infallivel,
« Contra os seios aperta um canavial flexivel!

« Deteve-se calado o amante a vêr seu erro;
« As sombras tinham já descido pelo cêrro
« Do monte, alto degráo que com o céo entesta,
« E o triste pôr do sol findava a alegre sésta.

« Então louco tropel das auras buliçosas
« No verde canavial põe queixas dolorosas,
« Que ao vir da noite são recondito segredo
« Do amor perdido ali, perdido ali tão cedo.
« Inventa Pan a flauta, alivio a suas dôres;
« Da flauta o triste fez seus ultimos amores. »

IX

A' pôpa

Aqui findára o canto. Ouviu-se logo
Anhélito abafado, enlevo d'alma;
Era o acordar de um sonho de ventura.

« Diz' quem te ha dado a magestosa lyra,
« Lyra mais suave do que o mel do Hymetto,
« Do que o cysne das margens do Eurotas,
« Do que o murmurio do indolente Ilysso?
« Um deos a deu por certo. »
Assim dissera
A estreital-o nos braços o piloto.
Saudoso era o luar doirando a vaga
Distráhida e plangente. Os sons longiquos
Do galerno na gávea sussurrando
Tornavam mais sublime a hora e o sitio.

A fadigosa barca parecia
A Nayade cantada a espriguiçar-se
Na lympha que suspira.
Junto ao leme
Ia Ctésios narrando as longas viagens,
O rumo incerto e vario das estrellas;
E ao compasso dos remos, que feriam
A vaga brandamente, assim cantava:

X

Canção do marinheiro grego

« Já lancei ferro em Coryntho;
Terra assim de gregas bellas
Nunca vi!
Por divas e por donzellas
D'amor por todas, não minto,
Me perdi.

*

« Faz-me esquecer essas mágoas,
Minha barca aventureira!
Embala-me sobre as agoas
Da brisa na aza ligeira.

« Mas quando arribei a Athenas,
Doido amor! que dura guerra
Soffri eu!
Oh que saudades da terra,
Ao lembrar-me das sirenas
Do Pireu!

« Embalada sobre as agoas,
Da brisa na aza ligeira,
Faz-me esquecer essas mágoas,
Minha barca aventureira!

« Cativei fero pirata
E fui depois a Mileto
Refrescar;

Mas o amor me andava á cata...
Lá me deixei indiscreto
Cativar!

« Minha barca aventureira
Embalada sobre as agoas,
Da brisa na aza ligeira,
Faz-me esquecer tantas mágoas!

« Do horror dos negros escolhos
Fugindo, uma vez em Délos
Hybernei!
Foi peor; vi lá uns olhos...
Como não morri ao vêl-os
Nem eu sei.

« Minha barca aventureira,
Que importam passadas mágoas?
Do vento na aza ligeira
Oh leva-me á flôr das agoas! »

XI

A ilha de Chio

Iam cantando e rindo. Á madrugada
Recatada no véo de espessa bruma
Apparece, respira-se alegria!

Quem vem abrir as urnas crystallinas
Das perolas de que se touca a aurora?
Nuvem que mal se avista, mal distincta
Se descobre no limpido horisonte;
Vem crescendo, aproxima-se, parece
Que se alevanta das inquietas ondas.
Que fórmas ella ostenta! Vagas côres
Esmaltam-n'a. Que aroma imperceptivel!

« Terra! terra! » — com jubilo gritaram
Os sequiosos nautas; ri-se o moço

Vendo erguerem-se os pincaros altivos
Da pampinosa Chio. Áspero o vento
Encrespa a face lubrica das agoas.
Eil-a Chio virente, ilha encantada,
Tyrso alegre do filho de Semele,
Sereia que seduz com mil delicias!
Salve oh terra hospedeira! em tuas ribas
O perseguido Homero achou confôrto.
Como a aragem da terra, embalsamada,
Embriaga os sentidos, revelando
Que o amor, o joco, o riso aí habitam!

XII

A cerração

Prôa a terra fez Ctésios; pouco a pouco
Nimbo caliginoso a praia esconde,

Repentino pampeiro estoira, o dia
Foge, e com elle a ultima esperança.
Turbulento stridor nas surdas grutas
Rebôa lá por dentro, e nas restingas
Dos occultos parceis rebrama a vaga:
Ecco soturno do trovão medonho
Pelo espaço rimbomba e tudo atroa;
O torvelino rue. Alta celeuma
Se eleva ás harmonias da procella.
Sossobra quasi a nau! Saltam de chofre
Emmaranhados ventos; rôta a véla,
Sem rumo, e já partido o leme fragil,
Affrontando a borrasca e o céo escuro,
A que almejado porto a sorte os leva!

CANTO SEGUNDO

ARGUMENTO

I. Naufragio em Délos — II. O voto — III. Morte de Ctésios — IV. — V. — VI. O ancião do templo — VII. O abraço do Antiste — VIII. A floresta de Cynthios — IX. O somno do peregrino — X. — O cazal da escarpa — XI. O templo de Apollo — XII. PÆAN. — XIII. A dedicação da lyra — XIV. Clytia — A amphora de onyx. — XVI. A lyra eburnea — XVII. A HOSPITALIDADE ANTIGA.

A BACCHANTE

I

Naufragio em Délos

Nas voragens indomitas do oceano
Ruge altiva e sonora a tempestade.
Corisca o raio ! opacas nuvens fende,
As carrancudas trevas se condensam ;
Duro estrago mil vortices vomitam.
Recrudesce o escarcéo, referve a onda,
Do esticado calabre o vento rijo
Arranca a branca véla. Obscura, tétrica
A cerração se torna, e as pranchas frageis

Rangem soltas no embate da tormenta.

Estála o mastro já lascado! Vê-se,
No refluxo da vaga, a hirsuta grenha
Dos parceis, dos rochedos ponteagudos.
Ouve-se o estrondo surdo! Rombo enorme
Sorve a ruina imminente; ergue-se a faina;
Que alaridos no ar em vão se perdem!

Restruge a sonorosa tempestade
Nas voragens indomitas do oceano:
Bate a onda na bronca penedia,
Atroando as cavernas salitrosas,
Confunde os gritos debeis do naufragio.
Desfez-se a densa nevoa lentamente;
Ctésios, só, junto ao leme, a terra avista,
A rainha das Cycladas conhece!
Era Délos. Nas ribas escarpadas
Em turbilhões alveja a viva espuma,
Encapella-se a grossa marezia;
Ctésios sobre ella vem d'encontro á fraga.

II

O voto

Amphínomo, no horror d'atra procella,
Vendo o leve baixel quasi submerso,
Aos céos levanta os consternados olhos
E exclama:
« Oh cynthio Deos, a ti consagro
« Esta lyra, meu unico thesouro!
« Dá que eu mesmo no templo a dependure.»

E envolvido na vaga marulhosa
Chega á praia, olha o mar, mudo o contempla.
Elásos, o mais forte dos remeiros,
Cançado baixa ao pélago insondavel;
E aquelle, que por noite horrenda, escura,
Aos bramidos do már cantava, Dmétor,
Na véla rota envolto, ao cimo d'agoa

De subito apparece, e engole-o a onda.
Iásys, Amyntor, Ítylos nutam,
Nos antros da restinga alfim se perdem.

III

A morte de Ctésios

Granito penhasco informe e bronco
Sobranceiro se erguia d'entre as agoas!
Lascado pela dextra do Tonante,
Pelo tridente asperrimo ferido,
As negras oucas fendas, os contornos,
As brutas saliencias lhe compunham
Um como aspecto lugubre de athleta.
Dolorosa expressão, rude e sublime
Na fronte do que lucta inda na quéda,
E do abysmo profundo aos céos atira

O grito de titanica ameaça!
Ajax obscuro que revolve a affronta,
Por isso a penha tacita acolhia
O perseguido e o fraco, porque soffrem.

Como as folhas do acantho vecejantes
O capitel revestem, e como a hera
Se enlaça ao tronco e á pedra das ruinas,
Assim Ctésios, da lucta fatigado,
Trepa o erguido penhasco! A vaga altiva
Quasi o empolga ao passar e o atropella.
A chuva fustigada pelos euros
Vem açoutar-lhe a face; o rijo nauta
Do pincaro escalvado afunda os olhos,
Contempla em baixo o bárathro sinistro,
Voragem d'onde a morte já lhe acena.
Horrivel attracção! Em cruel anceio
Alonga ao mar a vista desvairada,
E vê, que dôr! o objecto que ama tanto,
Risonho pensamento ali desfeito
Nas mil syrtes do pélago insondavel!

Amava tanto a barca o bom piloto!
Dissereis duas almas que segredam
Confidencias de amor no olhar furtivo.
Que amor tão puro aquelle!
Incomprehensivel.

IV

Causava mágoa o vêl-o pensativo,
Silencioso tritão enamorado,
Vendo a barca a sumir-se! O mudo pranto,
Pranto que em si resume íntima angustia,
E a angustia o inferno d'alma, deslisava
Nas murchas faces de palor terreno.
Quem sentiu dôr assim! vêr parte d'alma
Sorvida na voragem, vêr o abysmo
Mostrar no fundo o cahos e fechar-se!

V

O mar salva o baixel! Inclyta a prôa
Adernou! ergue-a a onda irrequieta,
E apparelhado este ultimo triumpho,
Sobre a nau cae de chófre e a nau se afunda.
Seguiu-se o desespêro! anciado o velho
Volta a fronte bronzeada; o ethereo tópe
Dos mastros vê baixando pouco a pouco.
Sorriu-se ao vêl-os ir.

Depois ancioso,
Cego e trémulo ergueu-se, ao rijo vento
Os madidos cabellos fluctuando,
Á mesma vaga impavido se arroja!
E a vaga esconde em si essa agonia
E os delirios do amor que o oceano inspira.

Cumprira-se tão intimo desejo!

VI

O ancião do templo

Víra Amphínomo o nauta! triste, absorto,
Immovel sobre a praia solitaria,
Ao vêr Ctésios sumir-se na onda escura,
Sólta um grito frenetico! Olha em roda,
Vê um ancião de aspecto venerando,
Tranquillo e placido a estender-lhe os braços.
Apertaram-se! as lagrimas diziam
O que aos labios não vem, porque é só d'alma.
E sorria, sorria o ancião, alegre
Como o pae quando abraça o filho prodigo.
Erguera a fronte aos céos! serena e franca
Luzia n'ella a auréola do justo.
Soltas cans de vidente ao vento soltas,
Caída sobre o peito a barba extensa,
Sería acaso um deos que vinha occulto?

Mentor? quem sabe! O naufrago estremece;
Mas inspira confiança o extranho rosto,
Como aquelle que faz dizer, se o vêmos,
Onde vi, se me lembro, egual semblante?

VII

O abraço do antiste

Era o bom velho Euryalo, o antiste
Do templo que dá gloria a Délos. Vinha
Involto na alva chlamyde, tecida
De Clytia pelos dedos delicados.
Começa o sacerdote:
« Oh forasteiro,
« Em terra extranha, á mingoa, andas errante:
« Vem enchugar teus humidos cabellos,
« Pendurar tua cnémide alagada
*

« Nos troncos da floresta rumorosa,
« Que defende o vestibulo do templo.
« Vem reclinar-te ao sol que vem saíndo,
« Tomar calor nos membros regelados,
« E frugal refeição ! Eia, partamos ;
« Oh vem ! traz a alegria ao nosso alvergue. »

Amphínomo se lança enternecido
Nos braços do ancião, as cans lhe orvalha
De lagrimas sinceras : « Sim, partamos !
« Mas ao deos que te guia ao meu encontro
« Primeiro heide ir sagrar a minha lyra. »

VIII

A floresta de Cynthios

Iam subindo juntos a collina
Com vagaroso passo e conversando.

Vinha a nascer o sol radiante e bello,
De jubilo inundando a immensidade;
E rescendia a flor do rosmaninho,
Gorgeavam na balsa aves canoras,
A abelha ia tocando as novas flores,
Era mais frescò o trepido regato.
D'este hymeneu de amor, que o sol suscita,
Era a campina o thálamo aromatico.
Ia-se erguendo a nevoa da montanha,
E enlevados os dois no côro immenso
Da natureza, á hora a mais sublime,
Vêem de longe a secular floresta.

IX

O somno do peregrino

Os zephyros brincando nas ramagens,
O sussurrar das folhas, pareciam
Como voz que interroga o forasteiro :

— Tu que vens das cidades turbulentas,
Profano evohé perdido lá da orgia,
Que procuras? Silencio, paz, conforto,
Guardam a porta do retiro santo.
É boa a solidão para os que soffrem;
Entra e vê, forasteiro da existencia. —

Ressoava assim a lugubre floresta,
Ao perpassar das auras pelas grimpas
Dos robles corpulentos.
Vão entrando
Na emmaranhada selva, e o silencio
Poisou-lhes sobre os labios. Escutava
O moço a amena voz de tantas dryades,
Os mysterios do amor que vão lá dentro.

De espaço a espaço a brisa interrompia
A sagrada mudez. Suspende Amphínomo
De um sycómoro as vestes alagadas,
Sobre a macia relva se reclina
Ao suave calor do sol que nasce;

Pendido o rosto na doirada lyra,
Dormiu, vieram vêl-o as doidas nayades.

X

O casal da escarpa

Euryalo, o bom velho, se encaminha
Á choça humilde, erguida sobre a encosta;
Vem avisar a filha, a de alvo seio,
Que um hospede a seu lar um deos envia.

Sorriu-se Clytia ouvindo a alegre nova,
Deixou de mão a teia de lã fina,
È foi mungir as candidas ovelhas;
Levou á fonte o cantaro, cingida
Das roupagens ceruleas, mais galantes.
Viu-se depois na lympha crystallina;

Foi crestar as colmêas, brancos favos,
Os mélicos panaes no cendal trouxe,
Aguardando solícita o momento
Em que visse o bem-vindo forasteiro.

XI

O templo de Apollo

Amphínomo desperta ao rir das nayades,
Que deixando do Ínope a torrente
Vieram vêl-o! e na hora mais lasciva
Acorda, segue-as; rapidas se escondem.
Vem Euryalo, ri-se; o moço córa
Ao vêr o sacerdote.
Ambos se embrenham
No mysterioso bosque; o moço pasma
Vendo no alto o excelso monumento:
Era o templo de Apollo.
Volve o antiste:
« Vem pois sagrar ao deos a tua lyra! »

XII

PÆAN

« Oh deos que tanto amaste a esquiva Daphne,
« Que do perdido amor só tens agora
« A grinalda virente ;

« Que de Eurynone a filha meiga e flascida
« Cantaste em tua cythara maviosa
« Com languidos suspiros ;

« Oh cynthio deos, Apollo arcitenente,
« Como ouviste de Clicia a voz magoada,
« Meus gemidos escuta :

« Lesbos, Paros e Creta, Chio e Naxos
« Repelliram tua mãe ! Quiz ser teu berço
« A vecejante Délos.

« Por isso é Délos perola entre as Cycladas,
« Por isso déste á nympha da onda egêa
« O venerando templo.

« Do naufragio no horror me acolheu Délos:
« Assim tambem me guarde a lyra de oiro,
« Que a ti consagro, oh nume! »

XIII

A dedicação da lyra

Entraram no recinto. É tudo aromas,
Tudo purpura rica de Sidonia,
Que as perolas de Ophir bordando esmaltam.
Aproximam-se da ara, o véo fluctua,
Geme a brisa nas franças do loureiro...
Dentro muge a caverna! o mais... mysterio.

XIV

Clytia

Vinha descendo a escarpa o velho antiste;
Ao lado o forasteiro. Avistam longe
A solitaria choça, quasi occulta
Entre loureiros verdes; era á hora
Em que a cigarra canta com mais vida,
Escondida entre a sarça, quando o armento
Repousa manso á sombra. Os dois caminham
Descendo pela encosta, á choça chegam,
E á porta no poial se assentam ambos.
Falam de longes terras, de outros usos,
Do naufragio e d'amor...

Quando, apparece
Clytia, a filha de Euryalo! Ao vêl-a,
Do joven estrangeiro os olhos de agua
Se arrasaram de subito; emmudece.

Como Clytia era bella! A vista louca
Ao chão desceu, e um timido sorriso
Fluctuava nos labios purpurinos.
A delicada mão, nevado seio
Que alvo linho da Iónia mal esconde,
Para ostentar o amor brincão, travesso,
Que em seus olhos pullula; a côr do pêjo,
Os movimentos flascidos e airosos,
As pequeninas falas que endoudecem,
São delirio de amor onde a alma vôa!
As donzellas de Sídon e de Tyro,
De Cós e Ionia, herdeiras engraçadas
Da alma ardente de Sapho, oh! não possuem
Como a Virgem de Pyrpole taes mimos.
Que importa o sceptro para não amal-a?

Tranças soltas de Timo, que inspiraram
Canções a Meleagro em lyra eburnea,
Não excedem por certo em gentileza,
Os seus anneis dispersos, ondulantes.
O sorriso mavioso de Anticleia

Não diz amor tão puro. Ella sómente
Tem uma lyra onde esse amor desfere,
Com que alegra a velhice a um pae cançado;
É nympha occulta em candida donzella:
Ha quem, sendo mortal, se atreva a amal-a?

Córou a face linda! Era o segredo
Mais intimo de Psyche, era a harmonia
Da brisa ao perpassar nos seus cabellos.
Lançou a Amphínomo um olhar ardente,
Não deu por isso o joven pensativo.

. . . .

E Clytia amava o naufrago em silencio!...

XV

A amphora de onyx

Sorrindo acode Euryalo: « Oh filha,
« Tão meiga e docil, minha branca rôla!
« Canta um hymno de amor, todo alegria,

« Pois que um hospede hoje entra em nosso tecto;
« Convidaram-no os deoses! »

Mansamente

Começa a ouvir-se uma aria maviosa,
Um lubrico trinado que suspende
Os sentidos extaticos; dedilha:

« Parece egual a Deos quem te contempla,
« E diante de ti, perto assentado,
« Te escuta docemente proferindo
« Languidas falas,

« E os graciosos risos? Tudo isto
« Me assalta o coração dentro do peito;
« Mal te avisto me fogem as palavras,
« Tacita fico.

« A lingua se me prende; e subtil chamma
« Abrazeia-me toda; com vertigem
« Nada vejo, e um ruido ignoto
« Mais me confunde.

« Alaga-me em suór pávido abalo!
« Mais livida do que erva da campina,
« Parece-me que a vida me abandona
« E càio exangue.

« Mas tudo obriga a proseguir... »

Calou-se.
Como que a selva escuta e aprende as notas,
Que philomela, a sócia dos retiros,
As decóra! Quem sabe, era a sybilla?
Era a deosa baixada sobre a nuvem?
Era Clytia! Acabado o novo idylio,
No alvergue entraram juntos.
Agua pura,
Mel do Hymetto do favo a distillar-se,
Vinho antigo de Chio, e mais que tudo
Fraterna paz em volta, á mesa tinham.

Entrega ao forasteiro o sacerdote
Uma amphora de onyx, lavor insigne!

Coroavam-na folhas de ceryntho;
Por ansas, duas d'ellas destacando
Da flexivel vergontea. A linda taça
Por attico cinzel fôra esculpida,
Bella como a odesinha mais lasciva
De Anacreonte: o magico relêvo
Mostra Léda a banhar-se com delicia
Do Eurotas nas espelhadas aguas.
No seio de alabastro as mãos de neve
Pudibunda cruzando, parecia
Do reflexo da onda recatal-o.
Arfando voluptuoso vinha o cysne
Encobrir com a aza o verticéllo
Mais pudico da flôr.

Prodigio d'arte
Para Jove libar no Olympo o néctar!

XVI

A lyra eburnea

« Acceita, oh poeta, esta amphora, ganhada
« Por mim, quando inda amava Galathêa,
« Dos loureiros da Arcadia á fresca sombra.
« Bebe-a toda ! que o vinho é chuva de oiro,
« Riso da inspiração, que alenta as fibras
« Da lyra marchetada. O velho Homero,
« O doido Anacreonte, Panyasis
« Cantaram-no ; oh dilectos da harmonia !
« Com voluptuoso somno o vinho cerra
« Á luz do mundo as palpebras cançadas ;
« Faz acordar no Olympo entre delicias.
« Infeliz do que ignora os seus encantos !
« Como é bello sentir correr nas veias
« Da terra o sangue venerando e puro !
« Rejuvenesce o ancião, se o labio toca

« Exhilarante cymbio que trasborda ;
« E' como em quadra hyberna o dia escuro
« Que se alegra de subito, se brilha
« O rutilante sol por entre as nuvens.
« O vinho, o irmão do fogo, é alliança,
« E' a graça dos cantos, o delirio
« Da frenetica dança, amor e vida.
« Orvalho matutino, o peito é o calix
« Onde em mel de poesia se converte.
« Quando serás, oh pampano virente,
« Corôa de triumpho que eternize
« Quem vir o fundo ás taças empinadas ?
« Oh meu hospede ! apaga da memoria
« As lembranças da patria, essa tristeza
« Que te corróe da vida a essencia debil ;
« Bebe ! — affoga-a no oceano de alegria !
« A taça é largo oceano côr de rosa,
« Onde o naufragio é doce ! Desgraçado
« O joven que em seus labios purpurinos
« De Nyctileu os osculos despreza,
« Que assim despreza o extasis de um trago.

« Do ruidoso festim ledos convivas
« De seu gremio o repellem ; gloria alcança
« Quem firme, em punho o copo, desafia
« O deos que anda enfeitado de corymbos.
« Só para elle a festa guarda encantos ;
« Voz sincera, expansiva acode, exprime
« Sentimento de amor, verdade, tudo.
« Bebe pois, oh poeta ! na tua alma
« Acorda o enthusiasmo tumultuante,
« N'uma mão ergue a taça, n'outra a lyra ! »

Na lyra eburnea a dedilhar, sorrindo,
Clytia vira o rubor do lindo moço;
Findo o frugal convivio, o alegre antiste
Ao umbral do tugurio se recosta,
Ao tepido fulgor do sol da tarde,
E sólta ao som do harpejo a voz canora:

XVII

A HOSPITALIDADE ANTIGA

Prologo

« Filhos! veloz passára aquella edade de ouro,
« Quando aos homens baixou de Délos o deos louro.
« Desconhecida então a dôr e amargo chôro,
« Formava toda a terra augusto, immenso côro,
« Cantando a mão de quem vê tudo das alturas,
« Os mundos e a luz, e as gerações futuras!
« Quando era a terra o templo, as almas o psalterio,
« A vida um culto, o céo cortina do mysterio,
« Vinham bordar o empyreo innumeras saphiras;
« Amphion, Lino e Orpheo pulsavam suas lyras:
« Soltos á doce voz, sentiam os rochedos
« Magnetica attracção! dulcissimos segredos

« Dizia a rude lyra, e a múrmura corrente
« De ouvil-a assim cantar parava de repente.

« Quebrada a corda já, perdida essa harmonia,
« A terra gerou logo a Hydra, a Sphynge, a Harpia!
« Surgiu tambem no mar Carybides e Scylla,
« E coriscou no céo minaz, rubra favilla.
« Na lôbrega caverna Encelado relucta,
« Na íncude o bater do Cyclope se escuta.
« Eis de Pandora aberta a horrifica boceta,
« Saíu de dentro o mal e quanto o mundo inquieta;
« Mas ai, se a dôr e o mal na tetrica alliança
« Nos não deixassem vêr no fundo a esperança!

A choça de Philemon

« Desceu á terra Jove, ignoto peregrino;
« Não vem sobre a aza má do negro torvellino,
« Ou por senda de luz que em noite estiva e bella
« Deixa após si nos céos uma cadente estrella:
« Baixou como um viajante anciado da fadiga,

« A quem lobo nocturno a caminhar obriga.
« Por servo, um pouco atraz, firmando-se ao cajado,
« O deos do caduceo de andar vinha enfadado.
« Que vêm fazer ao mundo estes excelsos numes?
« Quem sabe?
« Vem ouvir de perto ais e queixumes,
« Vem vêr a dôr e o mal correndo a terra em bando;
« E foram pela terra andando, andando, andando.

« Á Phrygia chegam já cançados e poentos,
« Batem de porta em porta! e os surdos opulentos
« Abrigo lhes não dão, ninguem lhes mata a sêde;
« Um d'elles o sentar-se em seus umbraes impede!
« Então disse Mercurio ao deos a quem seguia,
« Saudoso já talvez do nectar, da ambrosia,
« Que á mesa tem no Olympo:
« — Acaso a terra toda
« Segue este caminhar? Vou attentando em roda,
« Só vejo a escravidão, a angustia e a agonia,
« O riso mofador, o estrepito da orgia!
« Dize-me de que céo tamanho estrago chove? —

— « Das mãos do homem, só! (com dôr responde Jove)
« Logo que o cofre abriu que Pandora mostrára,
« Na terra germinou esta horrida ceara
« De raivas e de embustes, de odio e atroz vingança!
« Vamos nós respigar n'esta ceara a esperança. —

« E foram caminhando!
« Havia calma ardente.
« Mercurio fatigado e já impaciente
« De tanto collear veredas tortuosas,
« De confundir-se mais nas sarças espinhosas,
« Nem via a messe loira ondeando com a aragem,
« Nem aura no arvoredo a dar sua mensagem,
« Nem ternos roixinoes cantando seus amores,
« Suavisando o affan dos bons trabalhadores.
« Caía a amena tarde! ambos os caminhantes
« A longa estrada ao vêr pararam por instantes.
« Convinha descançar! Descia lenta a noite,
« E ali perdidos, sós, sem ter quem os acoite!

« Avistam muito além, saíndo de um vallado

« Um vulto sob ũm mólho a caminhar curvado.
« Já proximo os saúda o tremulo velhinho,
« Que o mólho ás costas leva, e segue seu caminho:

—« Bom velho, (disse o deos) quando eu para ti olho,
« Bem penso que o viver te peza mais que o mólho,
« Que assim te faz vergar e quasi ao chão te inclina. —

« E juntos vão subindo a ingreme collina.

« Sorriu-se o pobre velho, e um ar sincero e crente
« Na fronte lhe reluz ao fulgido crescente
« Da lua que emergiu da nuvem que a esconde.
« Sorriu-se o pobre velho e assim ao deos responde:

« — A vida é boa; é lei que sobre todos peza
« O trabalhar; que importa a agrura da pobreza!
« Lidei: no meu casal repouso encontro agora;
« Depois revivo, acordo á luz da alegre aurora.
« Vou vêr o meu pomar que fructifica o orvalho;
« A troco de suór, meu improbo trabalho

« Em ouro se converte, e a farta novidade
« Innunda o nosso lar de tal felicidade...—

« Dizendo isto, chegava ao cimo da collina;
« Em baixo mostra a choça humilde e pequenina.
« Contente o velho torna:
« — Honrae minha pousada,
« Depois sem medo ireis, raiando a madrugada.—

« Sentada á porta estava Baucis, a consorte,
« A recebel-os vem com intimo transporte.
« Olhou para Mercurio o deos que os raios lança,
« Dizendo-lhe em segredo:
— Achamos a esperança! —
« Sentaram-se ao luar, a ceia estava prompta;
« (Mas prompta para quem com hospedes não conta.)
« O deos conheceu logo a candida pobreza,
« A benção da abundancia espalha sobre a mesa:
« De mel, de fructa e vinho a parca mesa é cheia;
« Era mais doce o mel que o leite de Amalthea;
« O vinho! o odor que exhala é aroma da ambrosia,

« O fructo era a concordia, a alegre companhia.
—« Philémon !.. (brada a esposa) oh como á vil choupana
« Guiaste a divindade occulta em fórma humana ? —
« E lançam-se por terra.
« O nume ali circunda
« O divinal fulgor, que a pobre choça innunda.»

XVIII

Clytia depõe a lyra. O sacerdote
Deixa pender a fronte sobre o peito,
E todo absorto na visão celeste,
Ficou mudo, suspenso, como em extasis;
Depois adormeceu. N'este silencio
Que não diria o ardente olhar de Clytia
E o assombro do triste forasteiro?

Beijaram-se uma vez... doce delirio !

CANTO TERCEIRO

ARGUMENTO

I. A benção patriarchal — II. As andorinhas do outro verão — III. O milesiano — IV. Reconhecimento — V. — VIII. A narração do hospede — IX. O oraculo — X. — XI. — Tres folhas do loureiro — XII. O CYCLOPE.

A BACCHANTE

I

A benção patriarchal

Tinha acordado o ancião. Era tranquillo
Aquelle despertar sereno e vago
Como o saír da lua d'entre a selva.
Surriu-se ao vêr o hospede e a filha
Distrahidos beijando-se...
                                        Coraram !
Euryalo os abraça com carinho,
Confunde em terno amplexo o par mimoso,
Abençôa-o, dizendo no seu jubilo :

« Abraça, oh Clytia, o irmão que o céo te envia ;
« Genio de amor o guia ao tecto nosso ! »

Poisando as mãos sobre as cabeças loiras,
Põe os olhos no empyreo e reconcentra
Na férvida oração sua alma pura ;
Lagrimas silenciosas pullularam
Pelas faces dos dous.

Descia a noite,
A selva murmurava seus louvores,
E pelo escuro azul do firmamento
Reflectiam-se as côres da saudade !
Passava o sul. Na praia solitaria
O rebentar da vaga somnolenta,
O suspirar d'Alcyone, o horisonte,
Dava tudo ao crepusculo esse encanto
Que alma entende, e os labios não exprimem.

II

As andorinhas do outro verão

E quando assim choravam de alegria,
Vem poisar-se no côlmo da cabana
Casal de buliçosas andorinhas.
Parecia que o jubilo as matava!
Regressavam do exilio ; ambas conhecem
O sitio onde embalaram seus amores ;
Vieram visital-o, contar mágoas
Da longa migração. Como hade ouvil-as
O côlmo que guardou seus ermos ninhos!
E o casal volitava ; era ao sol posto,
Clytia e o hospede e o velho sacerdote
Ao limiar do albergue se assentaram.

III

O milesiano

Disse Euryalo :
—«Oh joven, em meu tecto
«Não és hoje um longinquo forasteiro,
«És filho ! Filho, é um pae que t'o pergunta :
«Como é teu nome ?»
«Amphínomo.»
—«E a patria ?»
« Em Mileto nasci ! terra querida,
« Enchem-se os olhos d'agua ao pensar n'ella !
« Ventos que de lá vindes, ai, na volta
« Não conteis que me esquece a minha terra.
« Sou de Mileto, sim, de Antémor filho . . »
. . . .
—« Tu, principe ! e aqui ? Filho d'Antémor . . .
(Disse, e a fronte occultou no brando seio,)

« Que destino te trouxe a nossas terras?
« Que oraculos fatídicos da patria
« Tão longe te afastaram? »
Como um fio
De perolas se rompe e solta a froixo
A corrente das bagas luminosas,
Assim nas lindas faces do mancebo
Lagrimas silenciosas desfiaram.

IV

Reconhecimento

—« Se conheci teu pae! Eramos ambos
« Mancebos e guerreiros. . . Como os tempos
« Nos vão fugindo rapidos, saudosos!
« No campo da batalha é que estreitámos
« O vinculo fraterno. Inda me lembro,

« Como se mesmo agora acontecesse !
« Findava o dia. A sanha recrudesce
« A embriaguez da luta, e na planicie
« As hostes se recontram ! Fréme a terra,
« As settas voam, lanças se espedaçam,
« A calma ardente exalta o horror da briga.
« Os cavallos da Media corajosos
« Com altivez relincham ! paira incerta
« A sorte do combate, e de um imperio
« O destino se joga. Ia descendo
« O sol para o occidente ; eis das quadrigas
« Os heroes saltam, correm, peito a peito,
« Braço a braço, atrevidos nutam, caem,
« Mordem a terra ; e o Orco abre as gargantas
« Para sorvel-os todos, como o oceano
« Sorve os restos de um misero naufragio !
« Como as folhas já palidas do outono
« Varre o vento na gemedora selva,
« Vão baqueando as fileiras !

« Se me lembro !

« Fechando-se ia a noite lentamente,

« Quando um chuveiro, subito, de settas
« Me traspassou ; caí. Desesperado
« Nas vascas da agonia, mortal sêde
« Tornava mais horrendo o transe escuro.
« Ao céo ergui os olhos ; lá subira
« A voz do angustiado, quando ao perto
« Em célere quadriga, triumphante
« Desfilava um guerreiro ; conheceu-me,
« Entendeu meu gemido ! Oh ! se me lembro !
« De Mileto era o principe ; do carro
« Baixa, e a sêde me estanca atroz da febre.» —

« — Meu pae ? »
— « Teu pae, oh sim, joven herdeiro
« De sua gloria, de tão grande nome. » —

E lavados em lagrimas se apertam,
A eloquente mudez que não diria !

—« Descobre agora, Amphínomo, os teus males,
« Conta-nos o miserrimo desastre :
*

« Como isso hade custar-te ! » —
«Não importa,
« Sinto alivio ao contar tantos trabalhos. »

Aproxima-se Clytia, o velho escuta.

V

A narração do hospede

« Gémeos do mesmo seio e no infortunio,
« Orphãos de mãe, amamo-nos. Sorria
« Em nosso amor a timida candura;
« Era Naïs tão linda; oh quantas vezes
« Erravamos sósinhos pelas varzeas
« Correndo apoz a leve mariposa !
« Outras vezes sentados junto ao lago,
« Sonhavamos venturas infinitas,

« Que nos deram prazer, occultas mágoas;
« Doces mágoas, por cedo nos mentirem;
« Prazer, por tão risonhas enganarem!
« O segredar das ramas do salgueiro
« Com a corrente mansa não imitam
« Nossas falas de amor! Fugiam ledos
« Esses ditosos annos de innocencia,
« Como passa ligeiro o mez das flores,
« Ou como cáe o pômo não tocado.
« Riso infantil de amor, nas azas brancas
« Do teu delirio ostenta-me o passado!
« Minha irmã, com seus olhos buliçosos
« Buscava sempre os meus, que o amor baixava;
« Redobrava de encantos! Tive medo
« De vir a amal-a tanto. Ella, mais linda
« Cada vez, porque o amor crescia n'ella,
« Apertava-me a si; cálidos beijos
« A face de rubor me affogueavam.

« Tentei fugir-lhe sempre! E sempre Naïs
« Ia encontrar-me no alcantil das serras,

« Na espessura dos bosques, pensativo,
« Pela soidade a dedilhar na lyra.
« Ella disse-me um dia, delirante,
« Não sei que fogo ardia nos seus olhos?
« Naïs disse a abraçar-me doidamente:

— Alta noite, no teu virgineo leito,
Como o ecco da selva adormecido,
Amor levou-me à vêr-te. Triste, inquieto,
Como se intimo sonho te agitasse,
Tu sorrias... quem sabe? era a poesia
A dar-te um beijo o mais voluptuoso;
Teu seio palpitante, descoberto,
Fascinava-me; e quando...
Tu somnambulo
Ergueste-te do leito, mal cingido
No cendal transparente! o alvor da lua
N'esse instante espreitava da janella;
Era tudo silencio, amor, segredo!
Segredava tua alma, o que? Falaste
Em partir! para onde? Alfim na lyra

Poisaste a mão inerte. Os sons dispersos,
Diluvios de harmonias mal distinctas,
Retratando a incerteza de tua alma,
Enlevavam, matavam-me de encantos.
Quiz apertar-te nos meus braços trémulos,
Confundir-te na luz do amor que sinto !
Receêi acordar-te. Era tão bello
Teu somno de innocencia ! —

VI

« Assim falava.
« Não me deixára ouvil-a mais meu pranto ;
« Sorriu-se com desdem. Desde esse instante
« Tentei abandonar o lar paterno,
« Percorrer longes terras ; d'este modo
« Talvez que essa vertigem se esvaísse.
« Meu pae comsigo em vão buscava a causa
« Da extranha dôr que a face reflectia.
« Um dia ao vêr-me triste e solitario,

« Entre afagos me disse :

— Oh filho, occultas

No intimo do peito angustia seva,

Nem buscas para a mágoa dôce allivio ? —

« E eu lhe disse, lançando-me em seus braços,

« Banhado o rosto em lagrimas ardentes :

« Hade o filho d'Antémor ser o herdeiro

« D'um sceptro, sem tambem lhe herdar o arrojo ?

« As glorias, os triumphos me enamoram ;

« Vou a Élida, ás festas turbulentas,

« Corro aos jogos olympicos ! Sou moço,

« Quero ir abraçar Hercules, com elle

« Ensaiar-me em athleticas palestras.

VII

« Meditei longo tempo. Da partida

« Affligia-me o golpe ; era um inferno

« O que tinha aqui n'alma ! amava-a tanto !

« Sorria-me esse amor, quiz combatel-o,
« Senti-me debil, fraco ! auxilio invoco
« Á harmonia da lyra ; os sons vehementes
« Acordavam-me ideias de volupia.
« Quebrei-a ! Desvairado me escondia
« Nas reconditas furnas da floresta.
« Era esplendido o céo, o azul tão puro !
« Ao céo levanto os olhos, senti forças ;
« Supplicando conforto á divindade,
« Alfim pude luctar tambem commigo.

« Acordei do meu extase ao queixume
« De um velho cego e triste, abandonado,
« Que se abraçára ao tronco de um loureiro,
« Que no cairel do abysmo florescia.
« Queixa amarga e sentida ! Conduzi-o
« Para o marco da estrada, e aí me entrega
« Reconhecido a lyra, que inda ha pouco
« Te dediquei, oh nume !

— Oh vae, me disse,

Vae a Chio, a de pampanos virentes,

Que a onda egêa abraça ; lindos moços
Coroados de louro, doudejando
Cantam por lá nas festas sonorosas
Do filho de Crytheis. Vae procural-os,
Desafia-os ; bem sei que á gloria aspiras,
O triumpho te segue, ao mar em breve ! —

« Da lyra extráe uns sons melodiosos,
« Sons que vem d'alma, eguaes aos que sentimos
« Quando trasborda n'alma o regosijo.
« Que transfiguração sublime, extranha !
« E quanto mais dedilha, ethéreas fórmas
« Ostenta divinaes. Já me deslumbra
« O fulgor de tal vista ! Exhala em volta
« Suavissimo odor que tudo innunda
« De ineffaveis delicias : n'esse instante
« Pôz-me a lyra entre as mãos ; ao elevar-se
« Sobre as ondas sonoras, remontando
« Pelo azul da amplidão, me diz :

— Ao nume

Que essa lyra te ha dado entrega-a um dia. —

VIII

« Quem era o excelso nume? onde o seu templo?
« N'essa tarde parti. Veleira a barca
« Singrava para Chio, a pampinosa.
« Irada Venus, por fugir seu culto,
« Fez soltar cerrações e tempestades,
« O naufragio, e a morte... o amor...»

Sorriu-se,

Comprehendendo a timida palavra,
Enamorada Clytia. Sobre a fronte
Do venerando ancião caíam mudas,
Irrepressiveis lagrimas candentes.
Era a lembrança de um tremendo oraculo,
Que á mente lhe viera, horrivel, feio.

IX

O oraculo

« Porque vamos mais longe? » acode o joven
Ao vêr o ancião com vagarosos passos
De Cynthios o alto pincaro subindo.
Vinha raiando o sol, viva alegria
Diffundindo por toda a natureza.

Voltou a fronte o venerando antiste,
Tal se um raio do sol o deslumbrasse,
E disse ao vêr o principe proscripto:

« Descancemos n'este ermo; ao pé do templo
« Te descubro o recondito mysterio
« De uma lagrima; filho, oh filho, escuta...
« Ai, se Clytia adivinha o meu segredo! »

Sentaram-se. O cançado sacerdote
Sobre o peito apertou do forasteiro
A cabeça gentil, mudo, chorando.
Foi profundo o silencio. Um ai sentido
Arrancou-lhe dos labios taes palavras:

« Um dia, Clytia, aquella que amas tanto,
« Aurora da velhice de meus dias,
« Voltou da caça á hora do sol posto.
« Trazia exangue timida gazella
« Que no monte frechára. Ao hombro o arco,
« O faretrado coldre, tinha o garbo,
« O andar, a magestade de Diana;
« Fui offertar ao deos a sacra victima.

X

Tres folhas do loureiro sagrado

« Interroguei o oraculo. Era mudo,
« Senti um santo horror! e vacillante
« Interroguei-o ácerca do futuro...
« Ouvi sómente o ecco de meu brado.
« Dolorosa vertigem! De repente
« A caverna restruge, o véo fluctua,
« Perpassa um rijo vento... e vi soltarem-se
« Do loureiro tres folhas. Que presagio!

« Aterrado caí; fria rajada,
« Sibilando nas franças do loureiro,
« Quasi dizia no feral susurro:
— Offerenda fatal da formosura,
Ai funebre despojo de um naufragio!
Afasta a ira da offendida Venus. —

« Não sei que mais ouvi. Ergo-me pávido,
« Nas thuricremas aras sacrifico,
« Para aplacar o vingativo nume
« Qualquer que fosse a victima votada. »

Permaneceu o ancião meditabundo,
Como o nauta que espreita silencioso
A nuvem que o horisonte lhe cerrára.
E depois murmurou :
« Tres folhas !... Venus,
« Um naufrago ... funesta formosura ?... »
As lagrimas lhe saltam copiosas,
E delirante exclama :
« Oh salva-a ! salva
« Minha filha ! o meu unico thesouro.
« Fuge ! fuge, fatidico mancebo !...
« Mas eu amo-te tanto ... és tambem filho !... »

E enlaçado de Amphínomo no collo,
Pendida a fronte, as alvas cans dispersas,
O antiste mal sustinha o inerte corpo.

XI

« — Como posso eu fugir a taes destinos? »

— « Sim, fugirás, (Euryalo responde)
« Curvemo-nos ao nume! Já vem perto
« As Festas de Theseu; alvejam longe
« Da Nau sagrada as infunadas vélas.
« Theóris vem sulcando a vaga iónia;
« A brisa, que murmura pela gávea,
« Dos Deliastas confunde o alegre canto.
« A Athenas irás n'ella; assim regressas
« A Mileto, ao teu reino. Oh para a fuga
« Convém que te inicíe nos mysterios
« Que lá vão celebrar. Escuta, Amphínomo:

XII

O CYCLOPE

(Iniciação na montanha)

Prologo

Caíu por fim vencida a raça inclyta e fera,
A raça dos Titans, que a terra hoje não gera;
Um deos a derrubou!
Nos páramos do Orco attonita se esconde,
Lá dentro o raio estala, e o ecco, se responde,
A dôr não o vibrou!

Encélado convulso na horrida caverna
Titanica ameaça ergueu! ameaça eterna,
Em vez de acerbos ais!
Repousa Jove altivo o sceptro, e o mundo espanta;
Assim findára a lucta! O Olympo ethereo canta
Em córos triumphaes!

Mas o forte será por sua vez vencido!
O deos, que abrange o espaço, encontra Amor perdido,
E vence-o doido amor!
Faz d'elle quanto quer: agora é manso toiro,
É satyro lascivo, é cysne, é chuva d'oiro,
Que orvalha occulta flôr!

O toiro nedio e manso era alvo como a nata,
Do azul dos olhos seus, que a mansidão retrata,
Quem hade recear!
Lambe a mimosa mão que tímida o enfeita,
Travêssa Europa está sobre elle, e não suspeita
Que a leva pelo mar!

E o cysne? parecia a fluctuante lyra
Vogando pelo rio; saudoso, ermo suspira,
Lastíma dôr egual!
Banhava-se a sorrir de Tyndaro a esposa;
Ao collo toma o cysne... ah, como a mariposa
Fecunda a flôr do val!

Que lindo orvalho d'oiro esmalta o azul do espaço!
D'Acrisio a filha ao vêl-o airosa abre o regaço,
No collo o nume tem!
Amor que não fará? o amor ardente e vivo
Faz tudo quanto quer, em satyro lascivo
O deos tornou tambem!

E ao que fez baquear a Titanica raça
Com raio vingador que os impios despedaça,
Amor doido o venceu!
Fez d'elle quanto quiz! fez d'elle orvalho d'oiro,
Um satyro lascivo, um cysne, um manso toiro;
Fez-lhe esquecer o céo!

*

Primeira parte

O leito eburneo

Não foram esses, não, os unicos favores,
Que Jove conquistára em perfidos amores:
Como volita e foge a aragem pela sésta,
Seméle assim se esquiva ao nume que a requesta.
Tredas fórmas gentis em vão elle assummia,
Nenhuma namorava a filha de Harmonia.
« Sou Jove! » alfim lhe diz. Seméle devaneia;
Amada por um deos!... e jubilosa anceia.
Já vencida se mostra aos olhos do Tonante,
Que só raios d'amor dardejam n'esse instante.

Languesce a meiga flôr ao declinar do dia...

Muda, raivosa, Juno occulta tudo via!
Espera com ardor do amante a despedida,
E na vingança atroz medita enfurecida.
D'uma aia carinhosa e antiga os ares toma,
E com sorriso falso ao limiar assôma.

A saudosa amante, em pranto debulhada,
Accusa o deos que olvida a volta suspirada.
Approxima-se a ama, e com fallaz carinho
No peito lhe insinua o doloroso espinho:

« O amado que em teu collo ás vezes se adormece
« Não é Jove, » lhe diz.
— « Pois quem tem, senão esse,
« A magestosa fronte, os olhos coruscantes,
« O labio que incendeia em fogos delirantes,
« O divino falar que o peito me commove?
« A quem Seméle amára, a quem, a não ser Jove? »

Mas encendida a deosa em rábido ciume:
« O moço te enganou! de certo não é nume;

« Bem vês que elle não sáe da nuvem rescendente,
« Que transporta dos céos á terra de repente,
« No olympico esplendor da augusta magestade,
« O deos que no relance abrange a immensidade. »

Deixou-a triste, incerta, em lucta violenta,
Triumpha o amor na lucta, e n'ella mais se augmenta!
Cerrou-se o horisonte, e em tão saudoso instante,
Eil-o regressa alfim o suspirado amante!
Cingindo-a contra o peito, a nivea face oscúla,
Languesce e com delirio as falas articula:

« Porque choras assim? os olhos teus formosos
« Que dôr veiu turbar de prantos pesarosos?
« Doce anhelo d'amor do peito não exhalas,
« Nem me apertas a ti? Seméle, não me falas? »

— « Trahiste-me! não és, não és o excelso nume! »
Clamou Seméle emfim, rompendo o seu queixume.

« Sou Jove, o deos que lança os raios!... »

— « Ah se o fosses,
« Tornáras do meu pranto as lagrimas mais doces.
« Se o és, mostra-te altivo, excelso, irradiante
« No olympico explendor... »
Sorriu-se o doido amante;
Doloroso sorrir! talvez porque presinta
Vêr ao clarão do sol a flôr mimosa extincta.
Ia alta a noite. Deixa o deos o eburneo leito,
Leva uma intensa dôr no intimo do peito,
E foi subindo o celso Olympo, sem ruido,
Temendo realisar um tão fatal pedido.

A caverna de Lemnos

Era tudo silencio a essa hora nas alturas!
Em baixo o furacão fracassa as espessuras
Da selva secular, e horrificas procellas
Borrifam com a vaga as nitidas estrellas...
Noite sombria, aziaga! Inquieto, triste e lasso,

O deos se remontava aos páramos do espaço,
Que a noite inda involvia em denso, opaco manto.

Como um grito feroz de desespero e espanto
Que o vencido arremessa ao baquear em terra,
De subito uma voz fatal, que o nume aterra,
Eccôa pelo ar, interrompendo anciosa
A sagrada mudez! Assim aguia orgulhosa,
Pairando sobre o abysmo, eleva o eterno grito,
Se o raio a traz d'encontro á rocha de granito.

O deos pavido escuta, ainda distrahido,
Pelas soidões do espaço o ecco repetido!
Era a voz de estertor d'um peito em dôr immerso,
Que vinha fria já do fundo do universo.
O deos tocava quasi a cima do alto monte;
Lançou ao longe o olhar, prescruta o horisonte;
Nada alcança, e galgando os cumulos immensos
Dos nimbos que no ár vogam ermos, suspensos,
Apenas vê, do alto, o mar, a tempestade
Sacudindo a aza negra em plena immensidade.

Urra o vento na selva, e mais alto que o vento
A queixa atroz eleva o ignoto soffrimento.
O deos pára, contempla a machina do mundo,
Lança depois a vista ao abysmo profundo,
Sente que de lá vem essa extranha harmonia,
Fixa mais o relance, espreita...
O que veria?
Era um Cyclope enorme, absorto em seu trabalho,
Cantando ao estridor das pancadas do malho,
Na solidão da noite e ás horas mais remotas.
Na íncude a pancada acompanhava as notas,
E ao som que ia vibrando o raio incandescente,
Pyrácmon e Bronteu dormiam longamente.

Canto do Cyclope

« Guerra eterna de morte! Em cima o deos se esconde,
E ao grito d'afflicção, lá, com trovões responde!

Inaccessivel, só, no azul da immensidade,
Concentra a vida em si, a luz e a verdade.

Deixa o homem com dôr errar em densa treva,
E vem-no derrubar quando elle mais se eleva.

Mas no fundo do abysmo um dia quebra a algema,
Escala o céo e rouba a perola ao diadema.

Elle o supplanta e diz, quebrando o braço inerme:
— Revolve-te, mortal, na pequenez do verme! —

Encélado caíu, já Prometheu baqueia!
Que importa? hade outra mão romper essa cadeia.

. . . .
. . . .

Vêr-me eu forçado, aqui, no fundo da caverna
Os raios a forjar que vibra a dextra eterna!...»

Nas fauces pára a voz ! o gesto é fero, hediondo,
Terrivel, mas sublime ! e ao repentino estrondo
Do malho que lhe cáe das mãos e o ar atrôa,
O deos ao celso Olympo infiado parte, vôa.

O banquete no Olympo

Inspira erguida taça
Frenetica alegria
Na mente que esvoaça,
No canto que extasía.

O nectar se derrama
E em languidez embriaga
O olhar que o amor inflamma,
O olhar que incerto vaga.

Risos no ar perdidos,
Lyras no chão dispersas,
Cabellos desprendidos
Em lubricas conversas.

Mas d'essas travessuras,
Na hora delirante,
Um ruido nas alturas
Se escuta... era Tonante.

Ao solio se remonta
E os penetraes atrôa,
Contando a dura affronta
Que a impia voz entôa.

E quando o Olympo estúa
Em ira e não descança,
Vozêa e tumultua,
Bradando por vingança:

De raiva transportado
O deos á terra desce . . .
. . . .
. . . .

SEGUNDA PARTE

Adormecida

Occultam-na do leito alvissimas cortinas!
É nayade que dorme em ondas crystallinas;
Cabello destrançado, egual á chamma d'ara
A fluctuar do sul co'a brisa que passára;
O seio alvo de neve, a furto descoberto,
É o lirio do val que o sol colhe entreaberto.

Era tudo silencio! as horas tão propicias
Para falas de amor e timidas caricias!
N'esse instante entra o nume. A raiva que o impelle
Transforma-se em brandura ao vêr dormir Seméle.
Enlevado a contempla; ah nunca tão formosa
Se lhe ostentára Juno:

« Oh flôr pendida, rosa!
« Não te esfolhe ao passar a brisa matutina,
« Que ao beber teu perfume aério desatina! »
Abraça-a com vehemencia! Ai, trépida ella acorda,
Como quem dá por si do fundo abysmo á borda;
Ao vêr o falso amante apossa-se da ira,
Mas o amor póde mais, e então chora e suspira.

« Porque choras, amor? dei causa a taes queixumes?
« Esquivas-te de mim? de Jove, o rei dos numes? »

— « Não és Jove! se o és, que eu veja o meu amante,
« O rei dos numes, hoje, excelso, irradiante
« No olympico esplendor da sua divindade.
« Quero-te vêr! assim amar quem te não hade! »

Mas de respente o deos, dos olhos deslumbrantes
Deixa caír a luz a jôrros coruscantes;
O rosto n'um clarão diáphano se banha,
A dextra se alevanta! e d'esta vista extranha
Attónita Seméle, em terra, espavorida,

Caíu, como se esfolha a rosa emmurchecida
Pelas calmas da sésta, ou como a borboleta
Que vôa em tôrno á luz, e morre de indiscreta.

Absorto em sua dôr, nutrindo angustias sévas,
O nume anciado parte, e embrenha-se nas trevas.

Vozes de ao longe e ao perto

Ainda a ferrea voz do Cyclope raivoso
Nas solidões acorda o ecco doloroso,
E ao estrepito atroz dos golpes do martello
Na íncude, cantava um hymno horrivel, bello:

« O homem fórma o deos na mente creadora,
Depois lança-se em terra e a obra sua adora!
Baixo, sem ter um braço eterno que o opprima,
Instincto abjecto o prostra ante o poder de cima;
O clarão da verdade offusca no mysterio,

Immola-se no altar, depondo o alto imperio
Na mão do que hoje reina em toda a immensidade,
Brandindo atra favilla, erguendo a tempestade.

Quebre-se um dia o sceptro! Á luz do grande dia
Bem vejo a divindade — é a Lei, a Harmonia!
Á mente, quando indaga, e aos olhos não se esconde.
Olhos meus, onde está? aonde? aonde? aonde?

Vejo-a ao romper do sol na luz que doira os mares,
No gemer da floresta e aroma dos palmares,
N'um sorriso de mãe, nas graças, no carinho,
Na maviosa canção d'uma ave no raminho.
Vejo-a na viração mensageira d'amores,
Que no rosal doudeja a fecundar as flôres;
Na côr que á tarde tem o esplendido horisonte,
No doce murmurar d'uma argentina fonte,
No vir das estações, no declinar das eras,
Na musica sonora e augusta das espheras.
Contemplo em toda a parte o seu poder immenso,
E mais me absorvo lá cada vez que mais penso.

Quebre-se o impio sceptro, e ao vehemente grito
Confundam-se outra vez o infinito e o finito! »

Vida! Luz!

O deos saíu da sombra opaca que o escondia,
E interrompendo a voz acerba da ironia,
Transportado da luz nas céleres torrentes,
Como passa um baixel nas vagas transparentes,
Ao Cyclope lhe deu a vida interminavel,
Deu-lhe o errar no cairel d'um abysmo insondavel,
A sêde do saber, que o peito dilacera,
O vasio onde sempre um mundo achar se espera,
E o abrasar-se na luz dos arcanos que indaga,
E ao pêso succumbir do nada que o esmaga.

Fim da iniciação.

XIII

Assim falára longamente o velho ;
Brilhante luz de inspiração divina
Involvia-lhe a fronte ! o horror sagrado,
O mysterio tremendo e o silencio
Prostram em terra o pávido mancebo !

CANTO QUARTO

ARGUMENTO

I. — II. No banho — III. A' sesta — IV. A floresta de myrtos — V. Profanação da lyra — VI. — VII. Nua — VIII. Canto d'amor ao luar — IX. A Nau sagrada. — X. — XI. Delias — XII. — XIII. Funeral de Amphinomo.

A BACCHANTE

I

No banho

O CYSNE, que deslisa n'agua pura
Do crystallino Eurotas, não vencêra
Na graça e candidez Clytia, ali nua
Banhando-se risonha. Era a nascente
Tão limpida! e os languidos salgueiros
Davam á urna recatada sombra!
Doida, doida a brincar, vendo-se n'agoa,
Namorando umas fórmas delicadas,
Que delirio de amor não inspirava!

As solitarias aves gorgeando,
As brisas segredando na folhagem,
E o sol por entre as nuvens do occidente,
Vinham tornar esta hora tão propicia...

Clytia alegre, dispersos os cabellos,
Lascivo o olhar, mimosa Galathea,
Mais timida talvez que a loira nayade,
A doudejar na trépida corrente,
Mais occulta que a ondina do nevoeiro,
Não cuidava que a visse olhar travêsso.

II

Viu-a o amante assim! morto d'amores
Passou-lhe pela mente a voz do oraculo;
Inquieto foge.
A deosa de Cythera
Da alva espuma do mar não sáe tão linda,
Como a virgem do banho; os peitos brancos
Como a neve dos pincaros do Athos,

A côxa trémula, o macio pello,
E a pyra de crystal onde arde a chamma
Que incendeia sem vêr-se... a filha d'Hellade
Era um poema d'amor! Na selva muda
Ouviu-se um canto lubrico e sentido:
A virgem toma o arco, a aljava, ás settas,
Veloz parte, detem-se, escuta!

Um riso

Adejou-lhe nos labios purpurinos,
E ao conhecer a voz doce e maviosa,
Corre aos braços do amante!

Elle cantava:

III

A' sesta

« Estavas distrahida
« No banho á tarde respirando aromas;
« Ah, vi-te! hora de vida,
« Eu vi-te; n'esse instante

« Pareciam suster-te n'agua as pomas
« O corpo fluctuante.

« Eu... d'entre o arvoredo, quasi occulto,
« Temia que o desejo me trahisse,
« Pois tu, cysne do lago,
« Mostravas, na doudice
« De namorar as fórmas de teu vulto,
« Anhelo ardente e vago!
« E vi-te!... n'esse instante
« Pareciam suster-te n'agua as pomas
« O corpo fluctuante.

« Como eras linda! as cômas
« Caíndo em anneis, soltas,
« Ondeavam-te nos hombros,
« Ás quédas e ás voltas!
« Mais bellas n'esse instante
« Pareciam suster-te n'agua as pomas
« O corpo fluctuante.

« Irmãs gemeas da graça
« Unidas n'um amplexo,
« Casal de pombas mansas,
« Throno do amor e da volupia a taça,
« Tremendo, qual nas danças
« Se corres delirante,
« Suscitavam desejos que não domas !
« E ainda n'esse instante
« Pareciam suster-te n'agua as pomas
« O corpo fluctuante. »

IV

A floresta de myrtos

Perderam-se no canto. Fascinada :
« Venceste-me na lyra ; (lhe diz Clytia)
« Se me vences no arco ou na carreira
« Triumpha teu amor ! Vês este pomo ?
« No ár o vou frechar com veloz setta. »

E a setta vôa e traz o pomo loiro!

« Arco e frecha, eil-os, toma! e se o ferires,
« Sem me tocar este hombro, é tua a palma. »

Cáem da mão do joven arco e setta.

« Hesitas? se na célere carreira
« Me alcanças, a victoria é tua ainda! »

Despede Clytia em desvairada fuga;
Travêssa a viração levanta a fimbria
Da chlamyde alvejante e vae a furto
Mostrando as alvas carnes torneadas.
Assim passa a leviana mariposa
Ao sol abrindo as argentadas azas.
Corre! os braços abertos, como em busca
De seio onde se esconda! Na fadiga
Exhausta aspira, e os nacarados labios
Parece mesmo estão a pedir beijos,
Beijos que só de ouvil-os, se imagina

Chuchurriado mel. Baldas promessas
Ella não ouve na febril corrida
Pelo esparzido verde da campina.
Desliza o pé subtil por sobre a relva,
Rapido a segue o moço delirante,
De cansasso ou de amor, ella arquejando
Não póde mais, tropeça, cáe vencida.

Oh! como as atipladas avesinhas
Nos mélicos gorgeios seus confundem
Doces quebros de voz com que se accusam!
Não arrulham mais ternas duas pombas,
Nem d'um racimo o bago cáe tão leve,
Nem d'uma flôr no calyce tremente
Duas gôttas de orvalho se misturam.

Cáem! sorrindo Clytia aos céos levanta
Olhos languentos, humidos; o moço,
O ledo milesiano, á terra desce
Os párpados na magica vertigem.
Os myrtos verde-escuros da collina

Condensaram em torno as sombras gratas
Aos mysterios d'amor.
Sorriu-se a Diva
A mãe do amor brincão; mas ai, não basta,
Que da passada injuria não se esquece.

V

Profanação da lyra

No alto estava o templo. Repetindo
Doces protestos d'um amor eterno,
No templo entraram juntos; brisa tepida
Levemente passou: cáem tres folhas
Do loureiro sagrado! e não conhecem
O mysterio que se abre ante seus olhos.

Penetram no recinto. O forasteiro
Toma a lyra do altar, dedilha; as notas
Não traduzem tão intimos anceios:

VI

Nua

« Amo-te muito ! Encantam-me
« Teus nitidos contornos ;
« Despida dos adornos,
« Realças o ideal !
« Da Grecia és deosa, és symbolo,
« És a ficção do artista ;
« Diana assim foi vista
« No lago de cristal !

« Teu seio arfando trémulo
« (Não córes, não o escondas)
« É véla sobre as ondas,
« Onda em ceruleo mar !
« E as pomas brancas, tumidas,
« Amor, que brincas n'ellas,

« Concede-me que ao vêl-as
« Me abysme n'esse olhar!

« O corpo? as graças prodigas
« Lhe deram seus primores,
« As fórmas, leves côres,
« Melhor... nem a sonhar!
« Macio pello, flăscido
« Reveste-o, bem como
« Ao sasonado pômo
« A felpa vem ornar!

« Macio pello occulta-me
« Vedado paraiso!
« Oh porque vem teu riso
« Negar-me o que eu só vi?
« Um anhelar prolífico,
« Um gôzo que fluctua,
« Existe, — aonde?

« Nua,

« Lembro-me ainda, aqui? »

VII

Rebentaram tres cordas sobre a lyra;
O filho de Miléto empalidece
Ao vêr tão profanada a lyra de ouro!
Vinha descendo a noite, espêssa bruma
Cobria em baixo a habitação do antiste.

. . . .

. . . .

Foram sentar-se á porta da choupana;
Sorriu-se o velho ao vêl-os vir sorrindo.
Era o luar saudoso, o mar tranquillo,
Doce e plangente o rebentar da vaga.

VIII

Canto de amor ao luar

« Quando em mel se converte a gôtta d'agua,
« Que ao romper da manhã graciosa veiu
« Dar vida á murcha flôr:

« Como não fôra doce a occulta magoa,
« Se deixasses caír dentro em meu seio
« Só lagrimas d'amor ! »

IX

A Nau sagrada

De ouvil-o, o ancião de Pyrpole entre os braços
Aperta doudamente o lindo moço;
Já quando o horrido oraculo esquecia,
Parece como ouvir vaga celeuma,
Estremece ! na praia cresce a grita,
Chegára a Nau sagrada.
Para a praia
Vão caminhando... Amphínomo descobre
Um rosto de mulher por entre a turba,
Triste, palido, inquieto, em soledade.

Era Naïs ! De terra em terra andando,
Procurava um irmão, que a abandonára,
Que escarnecera seu amor ardente.

O phrenetico bando das donzellas
Toucadas de corymbos, doudejava
Cantando em côro. E Clytia emmudecera
Ao vêr que uma d'entre ellas, a mais linda,
Nos braços estreitava o seu amante !
Detem-se ! a labareda do ciume
Comprimida, no peito lavra... Escuta :

« No silencio d'aquella despedida,
« Se inspirava saudade o azul dos mares !
« Eu disse-te : — Talvez serei sem vida
« Na volta, se algum dia alfim voltares.

« E então junto ao meu tumulo esquecido
« Talvez que indifferente nunca passes !
« Nem ao soltar o sonho dolorido
« Deixes correr as lagrimas nas faces ! —

« E languida sorria n'esse instante;
« Como a vergontea trémula e flexivel
« Ao teu seio encostava meu semblante,
« E via n'um abraço o impossivel.

« Mas na mudez da amarga despedida,
« N'essa hora de lethal melancholia,
« Disseste-me: — Se acaso já sem vida
« Te achar na volta, se voltar um dia...

« Quando o vento gemer por entre as ramas
« Dos cyprestes da tua sepultura,
« Escutando essa voz com que me chamas,
« Heide ir gozar teu somno de ventura. —

« Vim de longe cançada da existencia,
« Oh vista enganadora do deserto!
« Quando buscava allivio para a ausencia,
« Minha doce illusão desfaz-se ao perto!... »

. . . .

. . . .

. . . .

. . . .

As lagrimas candentes, os soluços
Em que alma se exhalava, entrecortaram
A dolorida queixa! O alarido
Ao murmurio do Ínope se augmenta;
E as lagrimas febrís que a ancia inspira,
Que o rosto lhe escaldavam, frias cáem,
Quiz reprimil-as, cáem mais copiosas;
O corpo inerte pende! Uma vertigem
Ennubla o passamento, e mal conhece
Que se transmuda em gemedora fonte.

*

X

Delias

Ficou mudo o estrangeiro. Clytia, doida,
Do tropel das Bacchantes sáe, coroada
De pâmpanos, de nébride vestida!
Soltos, dispersos os cabellos longos,
E scintillante o olhar, em raiva accêso,
O thyrso ao ingrato amante ella arremessa;
Ao som dos berecynthios instrumentos
A feroz comitiva ergue mil gritos,
O moço cáe ferido. Eleides cruas
O despedaçam, tingem-se no sangue,
Lançam no rio o corpo delicado,
Gritando como as ménades sedentas
Do Rhódope e do Ismário.

XI

Opaca nuvem
Cobre a face da lua n'esse instante!
De Nictyleu as virgens se dispersam.
Clytia, só, desvairada, busca a selva,
Calou-lhe a dôr a voz do soffrimento.

Oh nem póde chorar! como ella esquece
A velhice d'um pae que amava tanto!

Sem aljava e sem arco entra na selva,
Na caverna mais lobrega se occulta,
Um barathro se abriu no fundo d'alma!
Vieram-lhe á lembrança aquelles dias
De tão ditoso amor! Brisa nocturna
Sacode os arvoredos seculares,
Urra o leão no deserto... e nada teme!

XII

Funeral de Amphinomo

Raiou da madrugada o alvor primeiro,
Dos Deliastas na praia o canto sôa,
Reina o jubilo em Délos! Da tristeza
Que sombras sobre a fronte veneranda
Do sacerdote escondem a alegria?
Que pallidez mortal? que occulta angustia
De repente o assaltou? Voltaram todos,
Para vêrem do Ínope nas aguas
Lívido corpo de gentil mancebo,
Os pávidos semblantes!
Da corrente
Dilacerado, inânime o tiraram.
Como era triste o vêr tão lindo corpo

Ferido, sobre a praia! Onda plangente,
Ao vir tocar seus membros, parecia
Vir embalar-lhe o somno descuidado.
Rôxos agora os labios purpurinos,
Murchas as rosas da mimosa face,
E extincto o fogo d'esse olhar ardente,
Causava intima dôr! Pomba ferida,
Flôr que languesce na longiqua plaga,
Na aurora da existencia, ao vêl-o o antiste:

« Oh desgraçado! á mingua, em terra alheia,
« Longe do lar paterno, cruel morte
« Barbara mão te deu! Quando a esperança
« No horisonte da vida despontava,
« Sentindo n'alma o beijo da poesia,
« Quando era o mundo o teu vergel florído,
« Tu n'elle a mariposa, impio destino
« Te arroja á eterna sombra! Oh se em meu tecto,
« Buscando amigo amparo, achaste a morte... »

Caíu por terra o misero ululando!

Do moço o corpo languido na areia
Estendido ficára ; mãos piedosas
Do sacerdote vem cerrar-lhe os olhos ;
Deita-o docemente sobre o lado,
Beija-lhe a bocca, o espirito recolhe.
E chora ! Em roda o côro das donzellas
No estrepito dos tympanos de bronze
Confunde o alarido que alevantam.
Trazem ramos virentes de loureiro,
O tóro lhe entretecem. Triste, Euryalo
Abre-lhe os olhos novamente, occulta
Na longa chlamyde a sombria fronte.
Eil-a, a grinalda aos pés do moço aédo,
Para enfeitar-lhe os humidos cabellos,
E a lyra virginal em que entoava
Cantos do amor primeiro.

Antes que o fogo
Fosse lançado á pyra, o annel lhe tiram ;
Lavam-lhe o corpo em perfumadas aguas,
Com balsamos o ungiram. Flébil grito :
— Oh Amphínomo ! Amphínomo !

Alva toalha
Envolve o corpo, fluctuando ao vento,
Parece o extremo adeos da despedida.
As donzellas de Pyrpole plangentes
Nas faces descobertas lhe puzeram
Rosas de côr perdida. Inda era bello!
Frautas mygdóneas vão acompanhando
Os luctuosos carmes. Sobre o corpo
O cinamômo, o incenso; mel e vinho
Na labareda fulva se derrama.
O velho antiste as virações invoca;
Brisa fagueira e doce, talvez vinda
Das ribas de Miléto, brandamente
Atêa a labareda que fluctua!
Quem guardará as cinzas? quem? um dia,
Leval-as hade ás terras de sua patria?

XIII

Quando a chamma rogal, viva, faminta
Se enlaçava a seus mádidos cabellos,

Cobrindo os olhos onde o amor sorrira,
Os dedos delicados que pulsaram
Maviosa lyra, a lyra do infortunio,
Ao estálido lugubre dos ossos,
Clytia bella apparece! O desespero
A arroja! Desvairada, espavorida,
Vertiginosa, inquieta em seu delirio,
Como na luz se abraza a borboleta,
Se precipita sobre a mesma pyra.

FIM DA BACCHANTE.

HARPA DE ISRAEL

EVANGELHO

DA LAGRIMA

EVANGELHO DA LAGRIMA

THRENOS PRIMEIRO

STELLA MATUTINA

I

A manhã do Eden

EMBALADO em torrentes de harmonia,
Pairando sobre a onda luminosa,
O espirito de Deos, na immensidade,
Revestia de amor toda a existencia.
As legiões angelicas, em côro,
Contemplam debruçadas das alturas,
Ao concento das cytharas — a vida
E o jubilo ineffavel. Hymno eterno
Da creação esplendida ao concerto
Das musicas celestes vae unir-se.

O rasgar da manhã doce e tranquilla
Era o sonho da vida que se sólta;
Pela vaga amplidão que a luz povôa,
Astros em turbilhões no azul profundo
Da abobada do empyreo se concentram,
Como os eccos d'uma harpa que se perdem.
Não havia o mysterio. A vista absôrta
Ia lêr a recondita palavra
No livro do existir! O espaço aberto
Mostrava-se, não tinha inda horisontes.

A natureza ri; voam cantando
Aves canoras a tecer seus ninhos;
Fresco orvalho do céo em mel se torna
No pudibundo cályce das flôres,
A brisa espalha o effluvio rescendente.
Eva! bella na candida nudeza,
Vergontea irmã da flôr mais delicada,
Desperta entre a alegria! Confundida,
Lança indeciso olhar, baixa-o á terra,
E quando tudo exulta — ella é só triste.

Peccára ! assim da limpida nascente
Brando murmurio a suspirar lhe ensina ;
Peccára ; assim da rosa que abre os seios
Na rórida alvorada, a face imita
Seu timido rubor ! A gôtta d'agua,
Sobre a folha do lotus baloiçando,
Se em terra cáe ao perpassar da aragem,
Vem-lhe ensinar como o dorido pranto
Dos olhos se desprende. EVA, na mágoa,
Desata muda lagrima, tão pura !

Era a primicia do ulular futuro
Interrompendo a festa do universo !
Semente de amarguras e de espinhos,
Não quiz abrir-lhe o seio a dura terra,
Nem recebel-a a onda transparente,
Por vir turbar-lhe a face crystallina.
Vinha nascendo o sol ! Por toda a parte
Se espalha do alto o olhar da Providencia,
Quando um raio de luz do Ancião dos Dias
Eleva ao throno excelso — a muda lagrima.

II

Os coros suspensos nas alturas

Se o anjo mais puro e lindo
Que esmalta o solio de Deos,
Fica demonio — caíndo
Lá dos céos :

Mulher ! perdida nas trevas,
Chorando tua quéda assim,
Abre-se o empyreo e te elevas
Seraphim !

III

Dialogo da Lagrima

JEHOVAH :

És tu gôtta de orvalho, ethérea, crystallina,
Que ao romper da manhã soltou a alegre aurora?
Quem te manda aos umbraes d'esta mansão divina?

A LAGRIMA :

Senhor! alma que chora.

Eu sou como o aljofre,
Vim d'um profundo mar!
A angustia de quem soffre
Ao céo me fez voar.

Eu sou a gôtta de agua
Do cálice da flôr;
Caí; para tal mágoa
Venho pedir amor!

Eu sou a nivea opala
Que o sol já derreteu;
Venho servir de fala
Á dôr que emmudeceu.

Eu sou a estrella errante,
Perdida na amplidão!
Subí, vim tão distante,
Senhor, pedir perdão.

Eu sou a filha d'Eva
Gerada em outro amor!
Caíndo a dôr me eleva...
Senhor, Senhor, Senhor!

JEHOVAH :

Não quiz abrir-te o duro seio a terra,
A ti, lagrima ingenua, dolorida,
Como a semente que mau fructo encerra!

Não quiz a agua do mar ter-te escondida,
Sem saber se uma lagrima revela
O mysterio recondito da vida.

Bem vinda pois, da dôr primicia bella!
Engastada no azul do firmamento,
Vêde-a brilhando — Matutina Estrella!

*

Era a lagrima aérea, diamantina;
O resplendor celeste se mirava
Na sua candidez. Trémula e viva
Excedia em ternura os sons dispersos
Das melifluas harpas. A agonia
Descobrira a expressão ideal, sublime!

*

IV

VOZES DE ANJOS :

Eil-a a brilhar sosinha
A lagrima singela,
Suspensa do empyreo,
Alva, radiante estrella !

Se a luz se mostra e afasta a densa treva,
Ella apparece annunciando o dia !
Ella o canto da terra aos céos eleva,
Ella as bençãos do céo á terra envia.

Ao erguer-se a Mulher forte, e altiva
Esmagando a serpente, n'esse instante
Hade meiga luzir com luz mais viva
Na auréola que cinge almo semblante.

Hosanna, hosanna, hosanna!
Victoria nas alturas!
Eil-a annunciando o Verbo
Ás gerações futuras!

EVANGELHO DA LAGRIMA

THRENOS SEGUNDO

A ESTRELLA DOS MAGOS

I

Languor feral o mundo acommettera!
Faltava o ár, e a luz que vivifica;
Era mais limitada e estreita a esphera,
O orbe em si procura, em vão supplica
　　Outra alegre e nova éra.

Jázem Confucio, Budha e Zoroastro,
E da palavra augusta apenas resta
Fórma confusa, molde de alabastro,
Ou o fulgor e curso de algum astro
Sem o sentido que o vidente empresta.

Estão mudos os grandes Hierophantes
Que os Numes e as Leis formavam d'antes.

Não basta o pão para alentar a vida!
Ha uma intima sêde
De embalar dentro em nós um devaneio,
De ouvir falar do ignoto! — hoje ella veiu
Dar vigor e agitar as mentes. Vêde
Como produz no mundo extranho anceio;
De toda a parte se ergue o brado enorme.
E a natureza santa vela ou dorme?

II

D'onde e quando virá o Enviado,
Que proclame no mundo o grande Verbo,
Que gera na alma um sonho prolongado,
Que torna dôce a morte e o mal acerbo?

Ai sonho vaporoso, como nunca
Nos deu licor da terra inebriante?
Com estrellas do céo a terra junca...
Quando virá o suspirado instante?

Ao falar-nos do azul de além do empyreo
Deixa n'alma a semente da esperança!
Tem no amor a grandeza do martyrio,
No soffrimento um gôso que não cansa!

D'onde e quando virá o Enviado
Que ensine ao mundo o Verbo sacrosanto?
Quando será o instante desejado
Em que arrebate as almas n'esse encanto?

Cantaram-no os indiáticos Videntes,
Prophetas de Israel aterradores,
Cantaram-no os humildes que eram crentes,
Todas as bôccas que gemeram dôres.

III

Como a corrente forte, que atravessa
O orbe todo em instantânea vólta,
Ou como agua caudal que os diques solta,
A grande nova de correr não cessa.
Quer a terra sentir o ideal um dia;
Assim se espalha em todos a anciedade!
Quer sonhos perennaes a humanidade,
E espera esse que a voz longe annuncia.
Se, ao vir a boa nova repetindo,
Falará de justiça e de alegrias?
Contemplam todos o horisonte infindo,
Que se lerá nos astros do Messias?

IV

Eil-o! o rei Balthazar parte de Tarsos,
Vistosa caravana o segue ao perto;
Como ao encontro de um monarcha, esparsos
Se embrenham na largueza do deserto.

Melchior, o Negro, tambem vem da Nubia,
Requeimado do sol que o visita,
Prostrado em terra o adora com fé dubia,
Que o novo sentimento agora o incita.

Traz carregados de ouro fulvo em barra
Os rijos dromedarios e os camellos;
Reluz nas mãos a curva cimitarra,
Mas os thezouros da alma são mais bellos.

Alfim vem de Sabá o rei seguindo,
Cercado de perfumes e de incenso,
Páreas que irá depôr ante o bem vindo,
De altos prophetas o propheta immenso.

Seguindo foram com a fronte altiva
A procurar nos céos a estrella linda!
Levados cada um pela fé viva
Na voz remota que predisse a vinda.

V

Do rei de Tarsos pára
A leda caravana;
Que a sêde não se engana
No oásis que sonhára.

Das aguas fresca veia
Borbulha em fio de prata;
Quanto, ouvindo-a, recreia
Mudez e sombra grata!

Aos pés cáem os fructos
Das verdejantes palmas,
Nos areaes enchutos
Das doentias calmas.

Sôa estrépito vivo
Que o leve somno acorda:
Era o canto festivo
Ao longe de outra horda.

De Sabá n'esse instante
Eil-o o rei se approxima;
E aquella tribu errante
Sua chegada anima.

Uns aos outros perguntam
Do céo pela mensagem;
E como irmãos se ajuntam
Para a incerta viagem.

Emquanto á sombra jazem
Das palmas ondulantes,
Da sésta as auras trazem
Canto de viandantes.

Do rei da Nubia a vinda
Confirma essa esperança;
Mas a estrella linda
Ninguem no espaço alcança.

VI

Em quanto sob o pêso das offrendas
Os dromedarios soltos se inebriam
Co'a fresquidão das aguas, — alvas tendas
Ao pé do oásis bello os reis erguiam.

Era á hora em que a luz do sol, vermelha
Quasi a apagar-se, e antes que se esconda,
De cada areia faz uma centelha
Que brilha e treme do vapor na onda.

Sentou-se Balthazar e a fronte inclina:
« Vim de Tarsos, aonde em tempo antigo
« Do velho Zoroastro a alta doutrina
« Foi, perseguida, deparar abrigo.

« Avançado na edade e quasi exhausto
« Na grande lucta em que espalhou no orbe
« O dogma espiritual do holocausto,
« Que o coração e a intelligencia absorbe,

« Vendo que o extremo da existencia toca,
« Sob o rigor da secular edade,
« Aos que ouvem à verdade da sua bôcca
« Diz: — Levae-me a aspirar a immensidade.

Levae-me para o alto das montanhas,
Quero ouvir o rumor da antiga selva;
E das correntes as canções extranhas!... —
« Piedosos o deitaram sobre a relva.

« Ergueu a fronte para o céo, ficando
« Contemplativo, absorto, inerte, mudo!
« Dir-se-hia que estava morto, quando
« Sua grande alma reflectia tudo?

« Ergueu alfim d'essa mudez profunda
« Um hymno dos discipulos ouvido,
« Um hymno, um hymno onde a verdade abunda,
« Que ha seis seculos anda repetido:

— Libertei o espirito do culto
E adoração da fórma,
Revelando que tem isto que existe
Occulta, ideal norma!
D'ella nos fala a voz da natureza
Em perenne harmonia;
Perseguiram-me aquelles que eram surdos,
Porque os hymnos ouvia.
Eu descobri que á mais vaga esperança
Responde um bem futuro!

Por ella soffro, e a vida se me extingue;
Mas constante procuro.
Quando o corpo caía em somnolencia,
Eu vi, com estes olhos,
Pela amplidão dos céos do Oriente,
D'entre estrellas aos mólhos,
Destacar-se, do turbilhão dos astros,
Uma estrella radiante,
E li: *Como eu, brilha a verdade um dia,*
Bem lá para diante.
Ide e esperae, discipulos, a Estrella
No horisonte escuro;
Guardae o verbo! — que á vaga esperança
Responde um bem futuro.

VII

« Como o ruido da agua que se esgota,
« Lentamente lhe amortecêra a fala;
« Com mansidão sua grande alma exhala,
« Livre, seguindo a interminavel róta.

« Sepultaram-lhe o corpo na caverna
« Dos píncaros do monte alcantilados ;
« E os discipulos foram-se espalhados
« Tristes buscando uma visão superna.

« Pela amplidão do ár rumor incerto,
« Como a bonança ao cabo da procella,
« Annunciou — Que o tempo estava perto,
« Da visão ineffavel d'essa estrella.»

VIII

Calou-se Balthazar ! O Hierophante
Que incenso e myrrha de Sabá trazia,
Volve saudoso : — Tambem vim distante
Buscando a estrella d'esse grande dia.
Através do deserto errando, errante
A santa ideia no intimo me guia ;
Mas eu não sei que fosse comprehendida
A tradição dos seculos perdida. —

Vinha da noite a sombra precursora
Cobrindo a vastidão que a vista illude;
O silencio e uma aura encantadora
Ao corpo lasso com vigor acude.
Como sentindo as musicas da aurora,
O rei da Nubia ergueu a fronte rude
Lá para as bandas do Oriente, e logo
Descobre o resplendor de ingente fogo!

Do clarão boreal a claridade
Miram todos calados e suspensos,
Que se espalha por toda a immensidade
Em jorros puros, nitidos, intensos!
Era a Estrella que lá na prisca edade
Zoroastro avistou sob os véos densos,
Que ao cabo de seis seculos se mostra!
E a adorar cada um com fé se prostra.

Entre hymnos expansivos de alegria
Foram seguindo do deserto a Estrella,
Como Moysés, que as tribus crentes guia,
Da columna de fogo ia após ella.
Mil concentos na terra e ár se ouvia,
Na serena dormencia da procella,
E dos archanjos ao perenne hosanna
Deu em Belem a alegre caravana.

Trazem presentes de ouro fulvo ás barras,
Nos rijos dromedarios e camellos;
De myrrha e incenso trazem grandes jarras,
Mas os thezouros da alma são mais bellos.

EVANGELHO DA LAGRIMA

THRENOS TERCEIRO

AVE STELLA!

Velho e triste em seu aspero desterro,
De Páthmos sobre o monte alcantilado,
Ia sentar-se no escabroso cêrro
João, d'entre os Discipulos o amado,
        Sosinho a contemplar!
O espirito pairava em Deos absorto,
Se o visse alguem ali, julgara-o morto,
        Posto ás aves do ar!

O vento emmaranhava as cans do velho
Deitado no granítico fraguedo,
A cabeça encostada no Evangelho,
Ouvindo attento o mystico segredo
        Aos rugidos do mar!
D'entre os nimbos do esplendido horisonte
Bronzeava-lhe o sol a vasta fronte
        Rugosa de pensar!

I

O somno do Vidente

Em que pensava a mente desvairada
No pezadello do profundo somno?
Como d'um templo a lampada sagrada,
Erma, quasi a extinguir-se, em abandono,
Sua alma, lá na célica morada,
Suspensa ante o esplendor do excelso throno,
Rasga o ultimo sêllo, o mais tremendo,
E arrebatado em espirito ia lendo.

A seu lado uma voz ingente e dura,
Como o estrondo da onda contra a rocha,
Ou do raio, que Deos manda da altura,
Quando elle rasga e sáe da nuvem rôxa;
Uma voz lhe falou: « Oh creatura,
« Que á luz do sol da tarde tibia e frôxa,
« Dormes tranquillo no rochedo alpestre,
« Como no seio do Divino Mestre!

« Levanta-te e contempla! » N'esse instante
Era o mar como a candente lava,
Que borbulhando rubra, coruscante,
O lethargo da morte intercortava!
Tingia o sangue o céo azul, brilhante,
Em crepusculo o dia se tornava,
E as cavernas repetiam dentro
As convulsões da terra no seu centro.

« O que vês? » — Vejo o mar immenso, irado
Sem o insulto dos áquilos, altivo,
Levantar com vehemencia a Deos seu brado:
« Senhor! ha tantos seculos cativo!
« Na dôr sempre a cantar desesperado,
« E sem ter para ella um lenitivo!
« Sempre a fitar o céo, e não consentes
« Que me alevante e sôrva os continentes? »

Torna o anjo: « O que vês, Propheta? diz-m'o! »
— Vejo a terra que triste se destaca
Do seu mundo, e no extremo paroxismo,
Immersa em trevas, solitaria, opaca,
Elevar-se até Deos por sobre o abysmo:
« A fria escuridão me envolve e ataca,
« Innundae-me de luz suave e bella,
« Quero um dia tornar a ser estrella! »

Após morto silencio do cansaço,
Doloroso clangor d'énea trombeta
Retumba pelos páramos do espaço!
Trasbordou a amplidão, como repleta
D'eccos soturnos! Tal retrôa o passo
D'um esquadrão a quem a raiva inquieta,
Ou da mó, quando róla ao mar profundo,
Ou da procella, quando varre o mundo.

Disse o anjo: «O que vês, Propheta?» — Vejo
Sangue, manchando a alvura do Cordeiro!
E as gerações famintas no festejo
A devoral-o, anciosas, todo inteiro!
Elle deu-se a comer, foi seu desejo,
Elle se inclina manso, no madeiro,
Pendido o rosto pallido e exangue,
Deu-lhes para beberem agua e sangue!

Restrugem pelo ar altos ruidos
Como torrente d'aguas caudalosas,
Como o arrastar de ferros doloridos
Ao longo de veredas tortuosas;
Ou da raça que emigra os alaridos,
Buscando outras paragens venturosas.
Taes cousas dentro d'alma póde vêl-as,
Como n'um mar myriadas de estrellas!

« Discipulo o que vês? » — Extranhas raças
Com idolos e reis irem em bando!
Com gargalhadas lugubres, devassas,
Descuidadas da vida, impias, cantando!
De veneno a libar erguidas taças,
Entre improperio estupido, execrando,
E, ao cabo da passagem no dezerto,
Para engolil-as eil-o o abysmo aberto.

— Tambem vejo, Senhor, a cruz da vida
Do insondavel abysmo sobre as bordas,
D'um lado ao outro, immovel, estendida!
Passam sobre ella innumeraveis hordas;
Para a viagem da terra promettida,
Voz do dezerto, as gerações acordas:
Essa vereda larga tu lhes déste
Que os conduza á Jerusalem celeste.

— Mas na arvore da vida eis a Serpente
Enroscada outra vez na soledade!
Para o servo, Senhor, tendes latente
No symbolo uma incognita verdade?
« João, d'entre os Discipulos o crente,
« Hoje, ella representa a eternidade,
« E a cruz é d'Aarão a santa vara,
« O mordido da Serpe ao vêl-a — sára! »

II

A Aguia de Páthmos

Era o sol mais intenso! inda o Propheta,
Sem ter d'uma palmeira a grata sombra,
Dormia ao sol, deitado nos fraguedos
Da ilha árida e triste. Pelos ares
Aguia altiva librando-se orgulhosa,
Sólta um grito dorido. O ancião acorda,
E ao vêl-a desafiando a tempestade,
Taciturno ergue a fronte:
— Se eu podesse
Voar, como tu vôas, para longe,
Deixar o meu desterro solitario?
Baixa em nome de Deos! sobre esta penha
Oh vem poisar-te e conversar commigo!

— O que has visto no céo? extranha lucta

Encheu de assombro os términos do mundo!
O mar ficou como um metal candente.
De fogo e sangue luminoso traço
De subito transpôz vasto horisonte,
Egual á peste n'um soberbo imperio!
Em vão do calvo cêrro da montanha
Lancei a vista ao longe! Aguia altaneira,
Oh conta-me o que has visto das alturas.

A AGUIA:

(pairando-lhe sobre a cabeça)

Suspensa na aza do tufão violento,
Vi Sátan levantar-se do deserto,
Como da angustia se ergue o atroz lamento,
Ou como o tigre rábido, sedento,
Quando surge d'um antro fundo, aberto.

Tinha de Seraphim a graça pura,
Azas brilhantes, com que o ár fendia !
Tinha a expressão maviosa da candura,
A luz suave que no olhar fulgura,
Tinha tudo — faltava-lhe a alegria !

E na altivez sublime da inergia
Seu grito acorda as legiões com pasmo !
« Quero perder a liberdade um dia ! »
Ecco longo e soturno repetia
A vibração raivosa do sarcasmo.

Ao brado horrivel seu, dos quatro ventos,
Erguendo espadas flammejantes, sévas,
Promptos para servil-o em seus intentos,
Em confuso tropel surgem violentos
Aos milhões os espiritos das trevas !

Como no vendaval rijos volteiam
Os pampeiros no mar em duro embate,
Apparece Miguel ! Ambos se enleiam,
As cohortes angelicas gladeam.
Como é tremenda a hora do resgate !

Mas no tumulto do final destroço,
Vergado ao pêso do ferrenho algema,
Do horrendo abysmo no profundo poço
Cáe, como de Nabuco o aureo colosso,
Sátan, vendo quebrar-se-lhe o diadema !

O VIDENTE

(interrompendo-a)

É livre a humanidade ! Harpas sonoras,
Acompanhae o perennal Trissagio !
Que fogo é este que na mente sinto ?

Que resplendor diaphano se espalha,
E doira o mar no extremo do horisonte?
Muda-se a noite em dia! Aguia indomavel,
Aos ares te remonta, vê, contempla.

(A aguia vôa até perder-se no espaço.)

III

A mulher forte

No fim da tarde o sol nas orlas do occidente,
Franjava as nuvens d'ouro; e o magestoso ambiente
Que em seu azul reflecte a côr da immensidade,
Deixava n'alma triste indizivel saudade!
Ai, quando aspira ao céo a mente que se eleva,
Se lá de cima cáe, perdendo-se na treva;
Tambem quando o proscripto olhar ultimo lança,
Se elle deixa seu lar, esposa e esperança:
Findava o dia assim! crepusculo, mysterio,

Harmonia dispersa em côro immenso, aério!
Cerrou-se o véo do templo! um manto plumbeo veste
A cúpula ideal da abobada celeste.

Lentamente do mar a lua se alevanta;
Viu então o Apostolo um signal que espanta!
Uma Mulher no céo, coroada de estrellas,
Veste-a o brilho do sol! Cantae, harpas singelas.

O VIDENTE:

(lançando-se por terra ao contemplal-a)

« Quem é esta que se ergue
Em luz de amor envolta?
Altiva, como um cedro
Que ao Libano dá sombra?
Nos desertos a fonte
Não é clara e suave,
Como o riso mavioso
Dos purpurinos labios.

Ave! lirio dos vales
Do jubiloso empyreo,
Oh pomba da Arca solta,
Throno de amor, Maria!
Santelmo de bonança,
Ramo da paz divina,
É teu ceruleo manto
Véla que leva ao porto.
Estrellas a corôam,
Tem sob os pés a lua,
Onde calca a serpente
O pé da Mulher forte!»

E o Apostolo viu n'essa vertigem,
Que uma Estrella do céo se desprendia,
Vindo luzir na auréola da Virgem:

« Ave, lagrima d'Eva! feliz dia
« O da culpa! — uma voz lhe disse a mêdo —
« Eil-a a brilhar no rosto de Maria!

E n'esse instante, com mysterio, um dedo
Sobre labios angelicos impôz
Silencio! Então ficou transido, quêdo.

Depois soôu mais doce aquella voz,
Como d'harpa remota uma harmonia,
Como um atito de ave, á tarde, a sós.

Auréola divina lhe fulgia
No semblante, que infunde um terror santo,
E disse-lhe: «Sou o Anjo que te guia!»

O resplendor beatifico era tanto
Que nem podia olhal-o; elle sorriu
Velando o rosto sob o tenue manto.

«Segue-me!» o Anjo disse. Elle o seguiu,
Andando por veredas infinitas,
Lá no extremo parou. João ouviu:
*

« Por que na dôr mortal te precipitas?
« Por que foges da vida e a insultas?
« Por que apagas a luz que tanto fitas?

« Por que é que no festim do mundo, a occultas,
« Foste tocar só do veneno a taça,
« E a tua consciencia não consultas? »

Disse elle: — Foragido o justo passa
Por entre a sociedade agonisante!
O rir confunde os gritos da desgraça!

De hypocritas o riso impio, insultante
É como de um cadaver o sudario,
Que esconde ulcera feia, repugnante!

Ás gentes fui falar-lhe do Calvario
Palavras d'esse Verbo universal,
Em cada irmão achei feroz sicario.

Vi cercar-me de toda a parte o mal,
Vi odios, raivas, ambições infrenes
Corroendo o cadaver social.

Verguei á dôr, meu Deos, e nos solemnes
Instantes do magoado desalento
Rodearam-me duvidas perennes.

Solitario no exilio, o pensamento
Pela amplidão do espaço andava immerso,
Como o ecco dorido de um lamento.

E quiz, que fosse o tumulo o meu berço! —
Interrompe-o o Anjo pensativo:
« Não te fala de amor todo o universo?

« Talvez me negues com teu gesto altivo!
« Uma edade virá... começa agora,
« Em que beije seu vinculo o cativo.

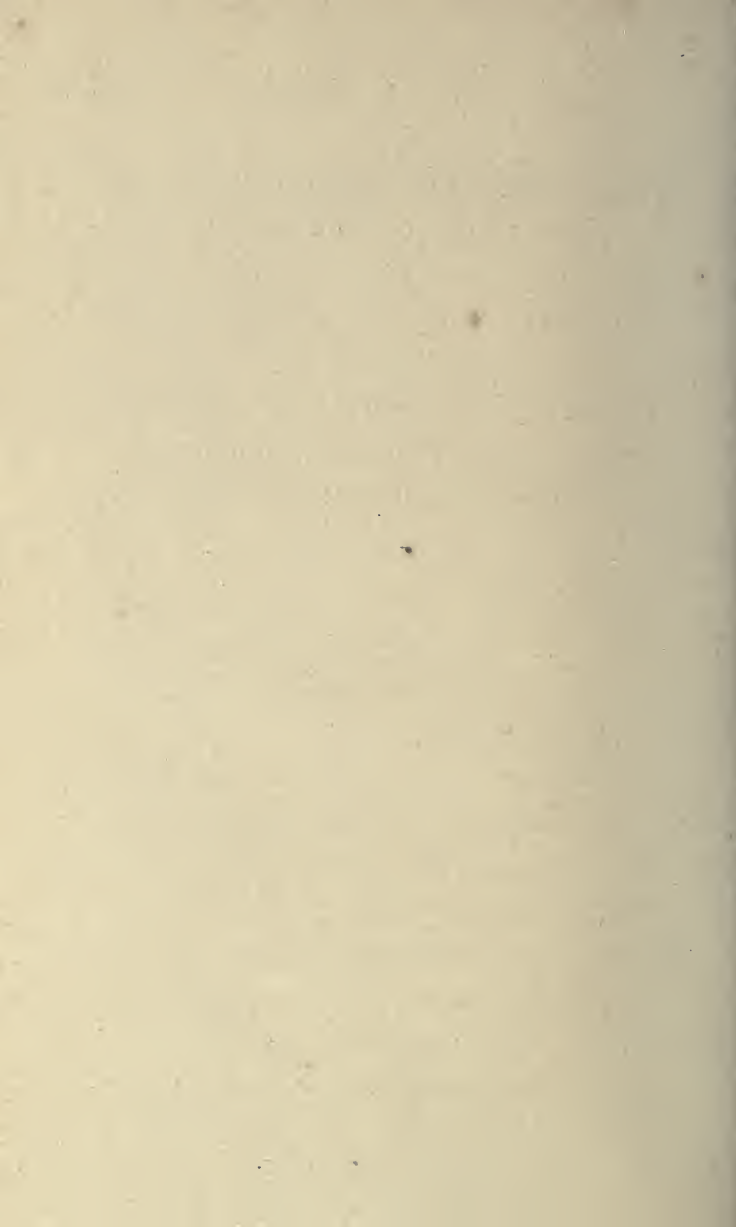
« Raiará pelo mundo eterna aurora,
« Um novo Eden hade ser a terra,
« Como os Anjos os homens são n'essa hora.

« Da ventura o segredo todo o encerra
« Uma unica ideia bella, immensa,
« Sonho alegre de amor, que o mal desterra.

« Proclama esta verdade sem detensa:
« Olha todo o provir: Mulher e Cruz!
« Solitario no mundo, adora e pensa! »

Contemplando o mysterio que seduz,
Viu seu rosto banhar-se em alegria,
Viu a alegria confundir-se em luz!

E meditando no futuro dia,
Em que um templo será todo este mundo,
Sentiu que seu espirito ascendia,
Prezo o corpo do somno mais profundo.

Velho e triste em seu áspero desterro,
De Páthmos sobre um monte alcantilado,
Sentado no escabroso ingreme cêrro,
João d'entre os Discipulos o amado,
Sosinho a contemplar;
O espirito voára em Deos absorto,
Quando a Aguia desceu, achou-o morto
Junto ás ribas do mar!

EVANGELHO DA LAGRIMA

THRENOS QUARTO

FIM DE SÁTAN

I

Diæs magnus...

Da trombeta final do julgamento
Um longo e clangoroso som aturde,
Na vastidão que abrange o firmamento,
Extincta geração que immovel surde!
Interrompendo o somno das edades,
Das campas rompe o tumular lagedo;
E fundas anciedades,
Vacillam entre a esperança e o mêdo.

Do mundo eis as leis physicas suspensas!
O cahos toma a agitação primeva,
Como sentindo em convulsões intensas
Formar-se a ordem, vir a luz da treva!
Conflagraram-se os astros sobre a altura,
Vertiginoso embate!
Mas das estrellas — uma só fulgura
Como aurora longinqua do resgate.

Essa restava, solitaria, meiga,
Diamantina, deslumbrante e bella,
Como uma flôr em respigada veiga,
Com dôce luz, a luz serena, aquella
De um mundo de suave claridade
Como um olhar divino,
Ermo phanal da negra tempestade,
Que impõe paz ao medonho torvelino.

Brilha nas sombras, leda, immaculada,
Expressão viva na mudez do susto!
Em seu clarão diáphano enlevada,
Parece o riso ultimo de um justo.
Tudo aguarda a terrifica sentença,
Da tuba o estridor tudo atropella;
Na ruina atra e densa
Só ficou esquecida a clara Estrella!

II

Genesis do Mal

Então do imo dos abysmos, veiu,
Confrangido por contorsões da lucta,
Sátan, sinistro, rancoroso e feio,
Atroz no olhar com que no ar prescruta!
Mirou no espaço desolado e aberto,
Quando o ribombo dos trovões o abala,
E vem até ao perto
Do Senhor, contra quem submisso fala:

« Senhor! bem vês perdida aquella Estrella
« Que d'entre o cahos brilha a sós na altura;
« Nascera de uma angustia que flagella,
« Pertence-me, por ser minha feitura! »
Ao fitar essa Estrella no infinito,
Resplandece mais viva,
E lhe aclareia a fronte de precíto,
Do aspecto do mal, sublime, o priva.

E volveu o Senhor, em si absorto,
Como quando a um sêr a vida inflamma,
Ou no instante em que o intimo conforto
Dentro de uma alma na afflicção derrama:
— Espirito increado, e sempre em guerra,
Mas na essencia divino:
A par do homem luctas sobre a terra,
A cumprir um recôndito destino.

Baixaste ao mundo com missão tremenda
De manter com revolta a liberdade;
E de rasgares a sinistra venda
Dos olhos da cansada humanidade!
Foste ensinar do desespero o grito
Contra a violação do verdadeiro;
E insuflaste uma ancia do infinito
Desde o homem primeiro.

Tu soltaste a rasão d'esse lethargo
Que o dogma impôz á nova intelligencia;
E déste-lhe a provar o pômo amargo
Da negação, que é da verdade a essencia.
Ergueste a indignação contra a mentira
Dos que em meu nome só prégaram morte!
Déste o prazer do sangue ao que suspira,
Dissesto ao fraco por onde era forte.

Mas quando a tyrannia tornou triste
O homem, quasi que a negar-lhe o siso!
A ajudal-o com outra arma saíste,
Déste-lhe a força incognita do riso.
A gargalhada franca! ella aniquila
Os idolos e os reis; em terra os lança!
O riso exprime a duvida que oscilla,
Tambem a esperança.

A Natureza santa, augusta e pura
Tornaram podridão de que se foge!
Mas tu lançaste em cada criatura
A tentação, que esses ascetas róje.
Deu-te a lucta constante que has passado
Uma expressão hedionda;
Ergue-te, Seraphim immaculado,
Mundifica-te em luminosa onda.

Seguiste o natural! e os que venceste
Pintaram-te malévolo e sombrio,
Compararam a tua marcha á peste,
O teu sinistro olhar ao pavor frio;
Chamaram-te Astaroth e Ahrimane,
Typhon ou Belphegór e Asmodeu,
Busiris, Siva, quanto a mente engane;
Levavas luz baixada do alto céo.

Foi pela compaixão, santa fraqueza,
Que o homem se tornou do irmão escravo;
Tal de Hercules a válida inteireza
Vencia o fraco Eurystheu ignavo.
A fraqueza soltou no paraiso
Lagrima acerba do primeiro pranto;
Mas na hora tremenda do juizo
Sus! por ella do abysmo te alevanto. —

III

Stella salutis

Fitou de novo o Astro luminoso
Sátan! todo o clarão a fronte alaga;
Côa-se dentro de alma ethéreo gôso,
E dos concentos na harmonia vaga
Volve, suspenso, ás legiões; brilhante
Entra os umbraes da célica morada;
E o universo prosegue eterno, ovante,
As maldições fataes volvem ao nada.

FIM DO EVANGELHO DA LAGRIMA.

ROSA MYSTICA

SPASIMO

SAVONAROLA — DITHYRAMBO DOS MORTOS

SPASIMO

Já do mosteiro antigo na alta torre
O sino, ao vir do sol, cadente envia
Canto de amor, que nas quebradas morre:

Voz do côro celeste — Ave Maria,
Saudação angelica, ineffavel,
Hymno eterno com que a alma se extasia.

Voz de mãe para a angustia inconsolavel,
Ao longe, ao longe o ecco se mistura
Co'o vento n'um concerto inimitavel.

Ao rutilante sol, que além fulgura,
A flôr abre o seu calix pudibundo,
As aves palram sonhos de ventura.

Tudo vive e se alegra! olhar jocundo,
Como o orvalho que a terra suavisa,
Lá do alto se espalha pelo mundo.

Cá fóra passa inquieta a fresca brisa,
A alampada na cella bruxulêa,
Crepíta com luz morbida, indecisa.

Fôra augusta a vigilia! o peito anceia,
Em fervorosa prece a alma se eleva,
Labareda de amor n'ella se atêa.

Oh cherubim mavioso, oh filho d'Eva,
Em Deos a alma se exalta, n'esse instante
O amor, o amor sómente aos céos te eleva.

E macerado o pallido semblante
Pelo ardor da vigilia, paira incerto
Aquelle olhar tão morbido, anhelante!

A vida assim é o áspero deserto;
Mas no deserto a palma do martyrio
Cresce, buscando o azul de um céo aberto.

No delirio de amor, doce delirio!
Os olhos magoados do teu pranto
Ergue-os da terra, fita-os no empyreo.

Ouves das harpas o aéreo canto?
Mas se baixas á terra o olhar absorto,
Que de angustias exprime o teu espanto!

As agonias intimas do horto,
Do que vê que lhe foge a esperança,
Só, no deserto, á mingoa de conforto.

Ergueu-se triste! do extasis descança,
Contempla a creação ideal, sublime,
Sobre o quadro incompleto os olhos lança.

Que mysterios de angustia um ai exprime!
De luz inunda o sol a estreita cella;
Deixal-a vir, e o quadro extranho anime.

E a luz transpondo a gothica janella
Descobre a fórma ao vago pensamento,
Mostra a imagem da Virgem sobre a téla.

Vê; contempla a sua obra! o soffrimento
Veiu assentar-se n'alma, e d'alma exhala
A magoa n'um delirio atroz, violento:

« A minha mão de artista á tua gala
« Votei, oh Virgem! Deos, e consentiste
« Ao impio iconoclásta vir queimal-a?

« Nenhum balsamo á dôr eterna assiste;
« Deixar no ardor da inspiração divina
« Abrazar-se minha alma sempre triste.

« Como a lua que dá graça á ruina,
« N'este tedio da vida, eil-a apparece!
« Na sombra em que me perco, me illumina.

« É ella, a Virgem! Mãe, que olhar é esse?
« Olhar, meiga expressão do teu carinho,
« A cuja luz a dôr e o mal se esquece!

« O seio alvo de neve, alvo de arminho,
« Sentada sobre nuvem transparente,
« Cabellos de ouro ao vento, em desalinho;

« Desce á terra, a meus braços docemente,
« Bella, como a sonhei no alto empyreo,
« Bella, como inda a tenho aqui na mente.

« É do celeste val candido lirio;
« Vem dar-me a respirar a essencia pura,
« Nardo santo das chagas do martyrio.

« Seu véo fluctua, imagem da candura,
« Tenue como o frouxel macio d'ave,
« Ou como a nuvem branca lá da altura!

« Virgem, dá-me o sorriso mais suave!
« Que rescendente aroma ancioso aspiro,
« Melhor que o odor do incenso pela nave?

« Cega-me a alvura do teu seio! deliro;
« Infeliz, nada posso! eil-as queimadas
« Estas mãos... » Interrompe-o um suspiro.

Do orgão sagrado as notas compassadas
Eccôam lá por dentro do mosteiro,
E o ecco as faz mais doces, magoadas.

Olhos fitos no céo, somno ligeiro
Leva-o comsigo á regiões distantes,
Somno breve e tranquillo do cordeiro.

Côro de anjos subtis, de azas brilhantes,
Vêm completar-lhe o quadro! Um já retoca
O manto azul e as prégas fluctuantes;

Outro imita o sorriso de sua bôcca,
Vago, ideal, sorriso de esperança;
Outro a c'rôa de estrellas lhe colloca.

O monge acorda! ao quadro a vista lança,
Pasma, contempla attonito e absorto;
Entre o tropel dos anjos a alma alcança
Das procellas da vida o anciado porto.

SAVONAROLA

OU

O EXTASIS DO PROPHETA

Prologo

I

Quem sabe o que era um monge? foragido,
Ermo e triste na paz da estreita cella,
No pedestal da cruz tendo pendido
O rosto macilento de quem véla!
Quantas vezes na dôr do seu gemido
Se abriu o céo, e a musica singela
Do côro angelical pôz doce calma,
Vindo repercutir dentro em sua alma!

II

Ao longe vendo a eterna patria, ancioso,
Como Moysés a terra promettida:
Sulamíte com mais fervor, do esposo
Não espera da volta a hora querida,
Como elle espera o instante venturoso
Do regresso do exilio e da partida.
Do austero monge foi a terra leito,
E sepulchro da angustia o debil peito.

III

Vira n'alma florir meiga saudade
Do amor primeiro, alegre edade d'ouro;
Lembrando aquelle amor da mocidade,
Viu cinzas no logar do seu thesouro.
Buscou a paz do claustro, a soledade,
E o claustro ouviu do filho o intimo chôro!
Viu na gloria do mundo uma mentira;
O seu pincel de artista ao olvido atira.

IV

Como a um naufrago dá descanço o porto,
Ao filho atribulado em tanta ruina
O recinto do claustro almo conforto
Lhe deu na sua paz santa e divina.
Involto no burel, o monge absorto
Que tintas sobre a téla hoje combina!
Que véo phantastico o pincel desdobra!
Contempla melancholico a sua obra.

V

Do Apostolo era o vulto! Assim o viu
N'um extasis, suspenso, irradiante,
Na penumbra do cárcere sombrio,
Tendo a auréola em volta do semblante.
Tudo exprime o pincel do artista pio
N'aquelle olhar immovel, deslumbrante!
Que mysterios na téla não exprime!
Ah como d'este quadro a vista o opprime!

VI

E retocando as sombras, pára, escuta
Os sinos do mosteiro em dobre triste:
« Feliz irmão, que vencedor na lucta
« Á celeste morada hoje subiste!
« Meu Deos, se é a sentença impia e corrupta
« Com que Roma fulmina o velho Antiste!...»
Cáe-lhe o pincel. Corre a abraçar o amigo,
Que desce em breve á paz do frio jazigo.

Via dolorosa

VII

Apostolo é a pomba que annuncia
A paz, trazendo o ramo de oliveira!
Apostolo é o grito de alegria,
Apostolo é a sombra da palmeira!
Apostolo é o sol que traz o dia,
E o dia a liberdade é tribu inteira;
Apostolo é o obreiro do futuro,
Martyr calado no flagicio escuro.

VIII

E o Apostolo ergueu-se ! Viu n'essa hora
Que o povo ia a seguil-o em seu delirio,
Como Israel tambem seguira outr'ora,
Á noite, no deserto o ignoto cirio.
Viu fulgir no futuro a eterna aurora,
Faltava-lhe a corôa do martyrio...
E Roma estremeceu ! do Christo a esposa
Dá-lhe a palma, abre a via-dolorosa !

IX

Sobre a fronte, na tétrica masmorra,
Resplandecia a auréola do justo !
Enlevado em beatifica modorra,
Antevendo o supplicio, não com susto,
Prostrado junto á cruz, á turba : « Morra ! »
No confuso tumulto ouvia a custo ;
E a visão começava no momento
Em que a Deos remontava o pensamento.

X

« Oh Christo! solitario te contemplo,
« Meditando em tua íntima agonia,
« Vendo a guerra de irmãos, unico exemplo,
« E o quadro torpe da nefanda orgia!
« Quando ao universo abrias um só templo,
« Uma só lei de amor, que tudo unia,
« Ouviste o insulto, ouviste o escarneo acerbo
« D'aquelles a quem davas o teu Verbo!

XI

« E viste que o pudor era um insulto,
« Em vez da prece achaste o rir obsceno;
« Em vez da crença o embuste, meio occulto
« De propinar á turba mais veneno!
« Viste nas aras levantado um vulto,
« Deos do crime, e caíndo ao teu aceno,
« Ergueste os olhos do sudario impuro
« Para além do horisonte do futuro.

XII

« Ao vêr que o brilho futil dos diademas
« Offuscava aos humildes o direito,
« Vendo o povo beijar os seus algemas,
« Sentiste, oh Christo, confranger-se o peito !
« Mas que jubilo ao vêr n'horas extremas
« Que o sacrificio do homem era acceito !
« Viste erguer-se uma raça dura e forte,
« Beijar tua cruz — os barbaros do Norte !

XIII

« Sentindo, oppresso, em ti força bastante
« Para ir dizer na face dos tyrannos :
« — Todos sômos irmãos ! — gritaste : Ávante !
« Rasgando o véo do embuste e dos enganos,
« Sacudindo o ergástulo aviltante ;
« E da púrpura rôta dos sob'ranos
« Fôste escorrer as lagrimas do povo,
« Que esperava debalde o dia novo !

XIV

« Deixaste divagar o pensamento,
« Insondavel, immenso ! o atroz sarcasmo
« Fortalecia mais o teu intento,
« Redobrava-te o esforço, o enthuziasmo.
« Oh ! por certo aterrou-te o soffrimento ;
« Sentiste, oh Christo, um doloroso espasmo,
« Prevendo quinze seculos correrem
« Sem a extranha palavra comprehenderem.

XV

« Por isso foi teu calix mais amargo,
« E mais túrbidas foram suas fezes !
« Por isso sobre a Cruz, no frio lethargo,
« Anteviste do Apostolo os revezes !
« Assim ao pé da Cruz meu peito alargo,
« E sinto forças quando penso ás vezes,
« Co'a palavra e teu Verbo como norma,
« Supplantar a mentira !... Eil-a a Reforma.
*

XVI

« Tu és, oh Cruz, a pagina dispersa
« Do livro da harmonia dado ao povo ;
« Tu és das gerações a voz diversa,
« Que eleva do trabalho um canto novo !
« És batel que soccorre a nau submersa,
« És da arvore da vida outro renôvo ;
« Representas o abraço da alliança,
« Estrella do Oriente, amor, esp'rança !

XVII

« Oh Cruz, és como a fonte do deserto,
« Ai solícita Agar, materno seio !
« A cythara maviosa do concerto
« Do amor fraterno, que do céo nos veiu ;
« Escada de Jacob, eden aberto... »
E dizendo, parou, sem força, em meio,
No pedestal da Cruz poisando a fronte,
Abrindo aos olhos d'alma outro horisonte.

XVIII

Noite escura! a borrasca sólta um grito,
Trovões ribombam n'um concerto horrendo;
Responde o mar ás vozes do infinito!
E a mente do homem, no mysterio lendo,
Com ella ergue um colloquio no conflicto,
O mysterio d'esta hora interrompendo.
Foi augusta a palavra! O vento briga
Nos coruchéos da cathedral antiga!

XIX

O relampago fulge e vence a treva!
Miguel com Satanaz em luctas anda;
Vago o silencio escuta: « Ha quem se atreva? »
Diz Lucifer; mas Deos o archanjo manda
Que co'a espada de fogo no ar escreva:
« Paz na terra! » Diffunde-se luz branda;
Na terra paz e gloria nas alturas,
Filho, esperam-te as gerações futuras.

XX

Filho, desce! Contrista-te a agonia?
E o filho abraça a Cruz e se faz homem;
E quando a humanidade parecia
Os restos do naufragio que se sómem,
Os sete sêllos máos da tyrannia
Rompe, e quebra os grilhões que a consomem,
Gritando-lhe: — Asahverus, d'ora avante
Seja marco o futuro: adiante, adiante!

XXI

O Apostolo ergueu-se, olhou em roda,
Havia um santo horror; mas firme o guard
Na masmorra velando a noite toda,
Ao vêr erguer-se o Monge se acovarda!
Ecco longiquo de nocturna bôda
Lá fóra o vento imita; e a alabarda,
Que estivera encostada na parede,
Caíu, mal disse o martyr: « Tenho sêde!

XXII

« Ermo na dôr, medíto e desespero,
« A duvida me cerca, punge e afflige!
« Alma, que geme no martyrio fero,
« Ao porvir nebuloso o olhar dirige!
« Sôrvo o calix, meu Deos, eu creio e espero,
« Dá-me forças do trance na vertige'! »
E o guarda traz ao Monge o cópo d'agua;
Ao vêl-a immunda qual não foi a magoa!

XXIII

« Busquei trato de amigos; procurando
« Das turbas distracção entre o tumulto,
« Odios, crimes, má fé vou encontrando!
« É maior minha magoa se a occulto,
« Não a percebe o vulgo! Oh não sei quando
« Não verei em cada homem triste insulto... »
E erguendo a fronte de sombrio aspecto,
Sorriu-se ao vêr entrar Fra-Benedetto.

XXIV

« — Amigo! hoje n'este antro te procuro,
« Quando esqueces do peito intimas chagas,
« E cuidas nas do povo e seu futuro!
« Como contra o baixel se vão as vagas,
« O povo é assim; é onda em pégo escuro,
« Prodigo filho que a teu seio affagas!
« E que importa? a animar-te não resisto,
« Vê na Biblia o exemplo, adora o Christo. »

XXV

— « Fugindo aos homens a alma se me enluta,
« Como a esp'rança, a meu lado tudo é morto;
« Um livro simples unico me escuta!
« Argumento com elle, e n'elle absorto,
« Com elle a dôr o espirito commuta;
« É o livro de Job o meu conforto...
« Pois que ninguem responde aos meus acenos,
« Fra-Benedetto, um gole d'agua ao menos!

XXVI

« Baixel que incerto voga entre um cachôpo
« E o horror da noite negra, eis minha vida!
« É bella! vê da serra sobre o tôpo
« Brilhar a lua agora distrahida!
« A vida é boa, sim! d'esta agua um copo
« No peito extingue a labareda erguida! »
Disse, e toma das mãos do amigo a taça,
Bebe, bebe, ao Senhor depois deu graça.

XXVII

« São palavras de um misero que geme
« Sob o pêso de angustia incomportavel,
« É celeuma d'um nauta, que sem leme
« Navega em rumo incerto e variavel!
« Tu que não escarneces, chora e crê-me
« No enigma de angustia indecifravel,
« Depois verás se ha mal que o meu eguale
« N'este de prantos acanhado vale. »

XXVIII

Surdos, lugubres sons do psalmo rude
Roucas bôccas hypocritas resaram!
Como entôam em volta do ataúde,
Na profundez da aboboda soaram;
Ao justo nada faz que a côr se mude
Na face, que as vigilias maceraram!
Range a porta do carcere no quicio,
E o cordeiro caminha ao sacrificio.

XXIX

Era ao nascer do sol! Desponta o dia
Esplendido; e que aroma o bosque exhala?
Só na morte do justo o céo vestia
O azul tão puro, com que ostenta a gala.
Quando o Monge do carcere saía,
Lançou um olhar ao fundo da senzalla;
Sentiu n'alma bem fundas saudades
Ao vêr entrar o sol por entre as grades:

XXX

« Ai, como o pobre Lazaro sedento,
« Que vendo deslisar na dôr seus dias,
« Sentado junto ás portas do opulento,
« Escuta as gargalhadas das orgias ;
« Olhos ao céo, a Deos o pensamento
« Elevo ; afasta o calix que me envias,
« Para o transe, Senhor, é prompta esta alma,
« Fazei reverdecer a sua palma ! »

XXXI

Além se estende a praça ! Tumultua
A plebe para vêr este martyrio :
Desce o Apostolo, e o vulgo pela rua
Insulta o que adorou no seu delirio !
No póste a labareda já fluctua,
Põe o martyr os olhos no empyreo,
Dizendo : « Perdoae sua loucura,
« No fogo, assim, o espirito se apura ! »

XXXII

Do povo, uns tem do horror o mudo aspecto
Outros riem com risos sanguinarios!
Abre um nonno o sacrilego decreto,
Ordena o infame bando dos sicarios
Que o leia o monge pio Fra-Benedetto,
Ao som dos longos dobres funerarios!
Leu pavido a sentença, pára em meio,
Pende-lhe a fronte exhausta sobre o seio!

XXXIII

Como quem lança á chamma uma figueira
Por esteril, o bando enfurecido
Arroja Fra-Girólamo á fogueira!
Não se sentiu um unico gemido.
Confrange-se de pasmo a turba inteira,
O estálido dos ossos é ouvido!
Disse o Monge: « Oh que fazes tu, Florença! »
Caíu, cobriu-se o céo de nevoa densa.

XXXIV

A columna do templo era quebrada,
Vestiu-se o céo de luto ao vêr aquillo !
Nos córos da beatifica morada
Hade pura, alva chlamyde vestil-o !
Da vertigem violenta e prolongada
Fra-Benedetto acorda, já tranquillo,
E nos labios dizia-lhe um sorriso :
« Comtigo hoje serei no paraiso. »

Epilogo

XXXV

Abysmado na dôr e carrancudo,
Por se lhe afigurar o golpe fero,
Vendo a imagem do amigo, oppresso e mudo
Entra na humilde cella o monge austero.
A cruz, a biblia ao pé, silencio tudo,
Tudo provoca o pranto mais sincero;
E ao vêr do amigo a fronte, pretendia
Dar-lhe a expressão divina da agonia.

XXXVI

Sorriu: que riso aquelle! Dôr tamanha
Por lagrimas sem fim não se revela!
Doido, atira o pincel com que desenha
Ao rio que á falda corre da janella!
A vista desvairada força extranha
A fascina e não deixa erguer da téla!
Que vertigem! detem-no braço occulto,
Destaca-se no quadro mais o vulto.

XXXVII

O artista grego ao vêr a estatua fria
Tomar rubor lascivo, n'esse instante
Sentindo o alvo marfim em que esculpia
De tepido tornar-se palpitante,
Pavoroso terror não sentiria
Como o attonito monge ao vêr brilhante
Auréola de luz cercar-lhe a fronte,
Como o disco da lua no horisonte.

XXXVIII

Nas veias pára o sangue como o gêlo!
E sempre o mesmo olhar! A dôr se augmenta;
As palpebras cerrou para não vêl-o,
D'entre as sombras visiveis se lhe ostenta.
Nas ancias infernaes d'um pezadêllo
Succumbe e já da vista a luz se ausenta;
Um gélido suór na fronte escorre,
E o taciturno monge cáe e morre.

XXXIX

Quem sabe o que era um monge! Foragido,
Só e triste na paz da estreita cella,
Da sua cruz á sombra, arrependido,
Vendo o mundo nos eccos da procella!
Quantas vezes na dôr do seu gemido
Se abriu o céo, e a musica singela
Das cytharas angelicas no côro
Lhe confundia as vozes do seu choro!

DITHYRAMBO DOS MORTOS

Diz tão bem o luar com as ruinas!
Era o sitio deserto, e sobre a encosta
Da montanha, onde em horas vespertinas
O mar batendo geme, na resposta
Ao concerto das musicas divinas,
Que se elevam de toda a parte, á hora
Que tudo tem voz tacita e sonora.

Fôra ali um Mosteiro! d'elle apenas
Negra abobada gottejando resta,
Esverdeados capiteis e empenas,

E rumor como dentro de floresta,
E virações noctívagas, serenas,
Perturbando a mudez das sepulturas,
Como queixa de ignotas amarguras.

No alto da montanha, sobranceiro
Á cidade, como Arca do diluvio
No cimo do Ararat, era o Mosteiro
Inda de incensos exhalando o effluvio
Que apoz si deixa o floco derradeiro.
Da galilé nos funeraes cyprestes
Não sópra o vento. A noite desce prestes.

Mas Jesus promettera paz áquelle
Que seus passos seguisse! Vã prommessa
Que para eterna escuridão impelle
Quem não vê mais do que a letra expressa,
Quem o impulso natural repelle.
Debandaram as pombas fugitivas,
Não voltaram com o ramo das olivas.

Já as caladas campas não alvejam,
Nem reflectem as cruzes os lagedos ;
Sombras incertas pelo ar bracejam
Linguagem de incognitos segredos,
Que os que inda sonham nunca ouvir desejam.
Do mar vem à neblina, e se ergue sobre
A montanha, e de alvura tudo cobre.

Aéreas fórmas mostra o ár ambiente
De Virgens impollutas, em corêas,
Como a visão sublime, que enche a mente
De Beethoven de harmonicas idêas !
Vão suspensas, levadas e alheias,
Com as tunicas brancas sacudidas,
Com lirios as madeixas desprendidas ;

Com o semblante immaculado e triste,
Com mudez de pesar e de saudade ;
Limpidas, como lagrima que assiste
A dôr que por si vale a immensidade ;

Com a sombra que tem fronte de Antiste,
Quando a sós no que lhe é vedado pensa:
Vagam confusas entre a nevoa densa.

Eram as Virgens do Mosteiro antigo!
Estioladas, como a flôr do ermo
Sem ár, sem luz nas fendas de um jazigo,
Que encontraram da lenta magoa o termo,
E em bandos vagam a pedir castigo
Contra quem as arroja ao eterno somno,
Revoltas folhas de gelado outomno.

D'entre o côro das Virgens foi crescendo
Para o ár, com assombro, uma d'entre ellas,
E gigante, tomou gesto tremendo!
A voz parece o ecco das procellas
Que a vastidão do orbe vae enchendo.
Cantava um canto soffrego e anciado
De um peito oppresso, que soffreu calado:

« Soltae loiras tranças,
Dançae, ri, crianças ;
Voae, pombas mansas
Ao mago luar !
Oh morte ! bem hajas,
Os solios ultrajas ;
Sudario que trajas
Faz tudo olvidar.

És tu quem liberta
Da garra, que aberta,
Está sempre álerta
Na sombra do altar !
Nós éramos flôres
Que alentam amores,
Mas dogmas, terrores
Nos foram mirrar !

Os labios, com pejo
De ingenuo desejo,
Sorriam! não vejo
Onde haja aí mal?
Oh filhas inermes,
Lançae fóra os vermes
Que róem as dermes
Da fórma ideal!

Sobre uma esperança
Que o peito embalança,
Mão impia nos lança
Pressão tumular!
Quebraram o élo
Do sonho mais bello,
Com um pezadêllo
De infindo anciar!

A fadigosa barca parecia
A Nayade cantada a espriguiçar-se
Na lympha que suspira.
Junto ao leme
Ia Ctésios narrando as longas viagens,
O rumo incerto e vario das estrellas;
E ao compasso dos remos, que feriam
A vaga brandamente, assim cantava:

X

Canção do marinheiro grego

« Já lancei ferro em Corynthó;
Terra assim de gregas bellas
Nunca vi!
Por divas e por donzellas
D'amor por todas, não minto,
Me perdi.

*

« Faz-me esquecer essas mágoas,
Minha barca aventureira !
Embala-me sobre as agoas
Da brisa na aza ligeira.

« Mas quando arribei a Athenas,
Doido amor ! que dura guerra
Soffri eu !
Oh que saudades da terra,
Ao lembrar-me das sirenas
Do Pireu !

« Embalada sobre as agoas,
Da brisa na aza ligeira,
Faz-me esquecer essas mágoas,
Minha barca aventureira !

« Cativei fero pirata
E fui depois a Mileto
Refrescar ;

II

O voto

Amphínomo, no horror d'atra procella,
Vendo o leve baixel quasi submerso,
Aos céos levanta os olhos consternados
E exclama :
« Oh cynthio Deos, a ti consagro
« Esta lyra, meu unico thesouro !
« Dá que eu mesmo no templo a dependure. »

E envolvido na vaga marulhosa
Chega á praia, olha o mar, mudo o contempla.
Elásos, o mais forte dos remeiros,
Cançado baixa ao pélago insondavel ;
E aquelle, que por noite horrenda, escura,
Aos bramidos do már cantava, Dmétor,
Na véla rota envolto, ao cimo d'agua

De subito apparece, e engole-o a onda.
Iásys, Amyntor, Ítylos nutam,
Nos antros da restinga alfim se perdem.

III

A morte de Ctésios

Granítico penhasco informe e bronco
Sobranceiro se erguia d'entre as aguas!
Lascado pela dextra de Tonante,
Pelo tridente asperrimo ferido,
As negras oucas fendas, os contornos,
As brutas saliencias lhe compunham
Um como aspecto lugubre de athleta.
Dolorosa expressão, rude e sublime
Na fronte do que lucta inda na quéda,
E do abysmo profundo aos céos atira

Oh noivas, sois novas!
De amor pedem provas,
Por leito dão covas,
Sem luz e sem ár!
No impulso primeiro
Do amor, no Mosteiro
Vos dão um madeiro
A quem abraçar!

A lampada santa
Que os mêdos espanta,
E a hora adianta
Da vinda do amor,
É lugubre tocha
De luz vaga e froixa
Que á face dá rôxa
Côr de atro palôr.

Tomae a côr viva,
Que encanta e cativa,
Que a prece nos priva,
Do goso que apraz!
A aurora desponta,
E a luz que remonta
Os mêdos affronta,
As trevas desfaz.

Em vez dos abraços
De amor, sempre escassos,
O corpo em pedaços
Vos foram pisar
Cilicios pungentes,
E cinzas ardentes,
E resas ferventes,
E tedio a matar.

Na candida bôcca,
Que a rosa equivoca,
Impuro lhe toca
O cuspo e o sal!
Mistura nojenta,
Que a graça accrescenta,
E os simples isenta
Da morte e do mal!

Soltae loiras tranças,
Folgae, ri, crianças,
Voae, pombas mansas,
N'esta hora fugaz,
Que a aurora desponta,
E a luz que remonta,
Os dogmas affronta,
E os mêdos desfaz! »

Com afan a corêa volteava ;
O phrenesim loucura communica !
No ultimo horisonte o sol raiava,
E a voz dorida já suspensa fica ;
Esvae-se o bando aéreo que chorava,
Porque o sol da rasão alfim dispersa
A negridão que a vida tem submersa.

FIM.

INDEX

VISÃO DOS TEMPOS

ANTIGUIDADE HOMERICA

HARPA DE ISRAEL

ROSA MYSTICA

Fim do index.